

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE HISTÓRIA**

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA

ENTRE RELATOS E MEMÓRIAS:

**MÃE MALVINA COMO UM MARCO NA HISTÓRIA DA UMBANDA EM
FLORIANÓPOLIS A PARTIR DOS ANOS DE 1970**

FLORIANÓPOLIS

2013

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA

ENTRE RELATOS E MEMÓRIAS:

**MÃE MALVINA COMO UM MARCO NA HISTÓRIA DA UMBANDA EM
FLORIANÓPOLIS A PARTIR DOS ANOS DE 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
de História como requisito parcial para obtenção do
título de graduação.

Orientador: Prof^oDr^o Rogério Rosa Rodrigues

**FLORIANÓPOLIS
2013**

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA

ENTRE RELATOS E MEMÓRIAS:

**MÃE MALVINA COMO UM MARCO NA HISTÓRIA DA UMBANDA EM
FLORIANÓPOLIS A PARTIR DOS ANOS DE 1970**

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para obtenção do título de graduação.

Banca Examinadora:

Orientador: _____
Prof^oDr^o Rogério Rosa Rodrigues
UDESC

Membro: _____
Prof^aDr^a Márcia Ramos de Oliveira
UDESC

Membro: _____
Prof^aDr^a Viviane Trindade Borges
UDESC

Florianópolis, 01 de julho de 2013.

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, algumas contribuíram de forma mais direta e outras indiretamente foram muito importantes nesta etapa da vida acadêmica. Tentarei expressar com poucas palavras o quanto sou grata.

Gostaria de dizer em primeiro lugar que os agradecimentos não estão enumerados em ordem de importância, pois todas as pessoas aqui citadas são de extrema importância na realização deste escrito, e muitas que não citarei aqui também fizeram parte desta realização, pois como são muitas não caberiam nestas pequenas páginas.

Agradeço a todos os entrevistados que fizeram parte desse trabalho dando sua contribuição através de suas experiências pessoais, nos contando um pouco de sua trajetória, seus conhecimentos e até suas emoções. Estes sem dúvida foram imprescindíveis na realização da pesquisa.

Em segundo lugar gostaria de agradecer a todos que participaram do projeto de Patrimônio Cultural II “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis”, professora Janice Gonçalves, professor Fábio Feltrin e as colegas e amigas que fizeram parte disto Taiane Santi, Vanusa Ribeiro e Mariana Schlickmann. Também ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros pelo apoio a pesquisa. Pois sem a realização do trabalho supracitado a pesquisa não seria possível.

Gostaria de agradecer especialmente o prof^o Rogério Rosa que teve muita paciência e dedicação ao assumir a orientação deste trabalho, sempre se mostrando disposto a ajudar em qualquer dificuldade que tenha surgido no caminho. E as professoras Márcia Ramos e Viviane Trindade por terem aceitado fazer parte da banca avaliadora. Esta escolha fora feita com muita atenção e certeza de que o trabalho e a dedicação de ambas irá contribuir muito nesta fase de finalização.

E já que os agradecimentos acima estão dedicados ao orientador e a banca, gostaria de fazer um agradecimento especial aquele que foi uma espécie de orientador desde o início de minha graduação, meu irmão e historiador Rafael Pereira da Silva a quem tenho uma admiração pelos caminhos percorridos em nossa profissão e quem me ajudou muito com seus puxões de orelha e conselhos.

Seguindo os familiares pai e mãe obrigada por toda a dedicação e afeto desde sempre, e pelo apoio em todas as escolhas de minha vida, mesmo nas escolhas erradas vocês estavam ali para dar todo apoio e suporte necessário. A minha irmã Fernanda, pela preocupação desde o início deste trabalho e pelo carinho que sempre me dedicou, amo vocês quatro, pai, mãe e irmãos. E também ao avô por parte de pai, com quem tive mais contato e que sempre demonstrou muito afeto por mim, saudades.

Felizmente, ao longo da vida encontramos e conhecemos pessoas que passam a fazer parte de nossa história e que são a família que nos fora permitido escolher. Aos melhores amigos e companheiros de minha vida Tai e Téosideo, sou muito grata pelos momentos de apoio, carinho, puxões de orelha, risos, conversas e guloseimas neste caminho percorrido, amo muito vocês.

Grata a Márcia, Nina e Taís por terem me recebido quase todos os dias em sua casa e também sou grata as meninas e aos treinadores de rugby pela paciência e companheirismo neste momento, pois como aprendemos neste esporte, somos companheiras dentro e fora de campo.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a nossa companheira de time e amiga Ada, que infelizmente não está mais presente neste mundo, mas que nos deixou muitos exemplos de como a vida pode ser leve e alegre, de como devemos amar quem está perto de nós incondicionalmente. Grata por tudo e saudades.

Aos grandes amigos de minha vida Pedro, Mika, Juju e Claudinha, que me deram muitos exemplos e que são muito importantes pra mim. Outra pessoa extremamente importante e que se tornou uma grande amiga por acaso, Vanusa, sou muito grata por te ter em minha vida, você sem dúvidas fez parte de etapas importantes desta formação.

Aos amigos de infância que sempre farão parte de minha vida, mesmo que fique muito tempo sem encontrá-los, Camila, Le e Nai, posso ficar inúmeros anos sem encontrá-las, mas nossa amizade estará sempre presente.

Aos colegas de curso e a todos os amigos que não foram citados um agradecimento especial, pois como já disse não caberiam nestas pequenas páginas o número de pessoas que contribuem sempre para nossa formação e para uma vida com mais alegria.

Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrarnos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso temos a lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos.

(Sócrates, 191 c d; Cf. 194 c- 195 a)

RESUMO

Esta pesquisa pretende abordar alguns aspectos relacionados à memória coletiva que se construiu em torno da figura de Mãe Malvina e em que medida a produção historiográfica problematiza esta memória ou contribui para a construção da mesma. Iremos procurar apresentar ao leitor a história de Mãe Malvina, como a mesma é recorrente memória da umbanda em Florianópolis, ressuscitando estas memórias, para tentar entender quais trabalhos e discursos contribuem neste processo. As fontes utilizadas serão entrevistas feitas nos anos de 2010 e 2012, e as entrevistas encontradas em notícias de jornais analisadas e também em documentário produzido pela turma de jornalismo da UFSC no ano de 2004, notícias de jornais que recortam as décadas de 70 e 80 do século XX e três produções acadêmicas que citam a mãe-de-santo. Tendo como ponto principal desta análise apresentar aspectos recorrentes nos discursos que demonstrem uma solidificação desta memória coletiva, e que de certa maneira contribuiu no processo de afirmação da religião na cidade e na construção de suas identidades.

Palavras chave: Memória coletiva, umbanda, história.

RÉSUMÉ

Cette recherche s'intéresse à certains aspects liés à la mémoire collective qui se construit autour de la figure de *Mère Malvina* et vise à examiner comment la production historiographique problématise cette mémoire ou contribue à sa construction. On présentera au lecteur l'histoire de *Mère Malvina*, comment sa figure est une mémoire récurrente de l'Umbanda à Florianopolis. On va ressusciter ces souvenirs pour essayer de comprendre quels travaux et quels discours contribuent au processus de construction de cette mémoire. Les sources utilisées sont d'abord interviews avec des mères de saint et des praticiens d'Umbanda faites dans les années 2010 et 2012 ; ensuite des extraits des journaux analysés qui couvrent les années 70 et 80 du XXe siècle ; un documentaire produit par la classe de journalisme à l'UFSC en 2004 ; et aussi trois productions académiques qui mentionnent la mère de saint. Le point principal de cette analyse est d'étudier des thèmes récurrents dans les discours qui démontrent la solidification de cette mémoire collective ; et détecter si cela, d'une certaine manière, a contribué au processus d'affirmation de la religion à la ville et aussi dans la construction des identités des praticiens.

Mots-clés : la mémoire collective, Umbanda, histoire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do jornal *O Estado*.....p. 41

Sumário

Introdução	11
1 - Mãe Malvina:Uma memória a partir da década de 1970	16
1.1 – Breves olhares sobre a umbanda	20
1.2 – Busca pela aceitação: A umbanda nos anos de 1970 e 1980	27
2-Histórias contadas: Relatos sobre a Mãe Malvina	37
2.1 – Intelectuais e Periódicos: o que têm a dizer sobre a Mãe Malvina?.....	38
2.2 – Depoimentos como fonte para o historiador	53
2.3 – As lembranças sobre Mãe Malvina e a construção de uma memória	55
Considerações Finais	62

Introdução

"...tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro."

(Machado de Assis)

Esta pesquisa fora inspirada no trabalho feito na disciplina Prática Curricular Patrimônio Cultural II no ano de 2010 onde o projeto intitulado “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis” procurou trabalhar a umbanda em Florianópolis como Patrimônio Imaterial. E uma das principais questões apresentadas neste projeto foi à oralidade dentro da religião como forma de transmissão de saberes e conhecimento.

O projeto fora criado focando na identificação, pesquisa e mapeamento de alguns terreiros de religião afro-brasileira em Florianópolis como forma de contribuir para a reflexão do papel e o lugar destas no cotidiano da cidade. No início das entrevistas o foco foi na localização dos terreiros freqüentados pelos entrevistados, procurando fazer ligações, possíveis semelhanças e diferenças entre as práticas e o cotidiano de cada terreiro. Com o passar do tempo e algumas entrevistas já realizadas pode-se perceber que seria inviável mapear parte dos terreiros na cidade, então o foco voltou-se para a umbanda e mesmo assim o mapeamento não seria possível devido ao tempo disponível para a realização do projeto e a quantidade destes na região.

Além da grande quantidade de terreiros de umbanda em Florianópolis, o que se pôde perceber durante as entrevistas e durante cada terreiro visitado foi à complexidade que a própria religião representa. Não se pode falar na região de Florianópolis de uma umbanda, ou apenas separar a religião em vertentes, pois o que pode ser percebido é que mesmo seguindo uma mesma vertente, cada terreiro possui sua particularidade e sua complexidade, seja na forma de organizar o altar, ou mesmo na maneira de se relacionar com os Orixás, ou entidades.

Dentro dessa complexidade, foram encontradas algumas semelhanças, principalmente quando o rumo das entrevistas seguiam para a origem da umbanda em Florianópolis. A maioria dos entrevistados citavam como a introdutora da religião a Mãe Malvina. Tal indicação ganhou foros acadêmicos quando a pesquisadora Cristiana Tramonte, que também é professora da Universidade Federal de Santa Catarina,

publicou sua tese de doutorado “Com a bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis” no ano de 2001.

Sendo assim, a presente pesquisa tem por interesse trabalhar com a construção da memória coletiva em torno do que teria sido o primeiro terreiro de Umbanda na Grande Florianópolis. Para a realização deste trabalho foram feitas algumas entrevistas¹ com pessoas que vivenciam a religião na cidade. E entrecruzando as mesmas, acabamos por chegar num ponto em comum, onde todos os entrevistados e entrevistadas acabavam por sempre fazer referência a Mãe de Santo que teria sido a primeira dona de um terreiro na região, a Mãe Malvina.

Foram utilizadas no total seis entrevistas para esta pesquisa. Duas entrevistas foram retiradas do trabalho de Cristiana Tramonte “Com a bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis” no ano de 2001. Sendo assim as mesmas fazem parte de recortes feitos pela própria autora como forma de contribuir para a sua análise. As falas recortadas são de Juraci Malvina Pereira e Osmar Vidal Rita. Já quatro destas foram retiradas do projeto de Patrimônio “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis”. Para a realização deste projeto foram realizadas seis entrevistas, estas quatro entrevistas foram selecionadas com base nas análises das falas dos entrevistados, nessas falas procuramos observar os tipos de discursos sobre Mãe Malvina, chegando à conclusão que as mesmas são suficientes para problematizar o tema proposto.

O que se pretende analisar partindo das entrevistas é o que gira em torno desta construção coletiva da memória, quais os discursos presentes nessa cristalização da memória, as diferenças e semelhanças existentes e porque a personagem Mãe Malvina se torna referência e um marco na história da Umbanda em Florianópolis.

Tendo como metodologia de análise a História Oral, utilizada tanto nos debates envolvendo memória e história quanto no campo de estudo da história do tempo presente, buscar-se-á através dos depoimentos de alguns personagens nortear estas evidências. Não pretendo questionar a validade dessa memória, tampouco estabelecer outro marco para a origem da umbanda na cidade. O objetivo é tão somente entender como se deu a construção dessa memória e de que forma ela expressa a construção de

¹ As entrevistas citadas foram retiradas do trabalho de Patrimônio “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis”, foram realizadas seis entrevistas neste projeto e para a realização desta pesquisa optamos por escolher quatro. Estas quatro entrevistas foram selecionadas com base nas análises das falas desses entrevistados, nessas falas procuramos observar os tipos de discursos sobre Mãe Malvina, chegando à conclusão que estas quatro entrevistas são suficientes para problematizar o tema desta pesquisa.

uma identidade religiosa para aqueles que a formularam. O trabalho se alinha no que convencionalmente tem se destacado como história e memória e história do tempo presente.

O que pretende-se nesta pesquisa, entretanto, não é se ater a história de Mãe Malvina, mas fazer uma análise desta memória coletiva que permeia sua importância para os religiosos da Umbanda, buscaremos a partir de então analisar algumas falas dos entrevistados que referenciam a mesma em suas narrativas. Lembrando que foram entrevistados diferentes sujeitos, de diferentes grupos sociais e idades, mas que encontram na Umbanda, independente de qual vertente prática, algo em comum, assim como a referida Mãe Malvina.

Porém algumas questões devem rodear o trabalho do historiador, tais como, como se dá a construção desta memória, porque ela é tão forte mesmo quanto se trata de entrevistados de idades menos avançadas, porque mesmo sem serem questionados sobre a Mãe Malvina os entrevistados sempre fazem referência a mesma, porque este esforço existe? Além destes questionamentos, outros problemas irão surgir através das análises. Lembrando que, segundo Alessandro Portelli (2006) é tarefa do especialista se afastar do seu objeto, respirar fundo e posteriormente voltar a pensar. O autor ainda pede o devido respeito às pessoas envolvidas em suas análises, pois é tarefa do historiador interpretar criticamente todos os documentos e narrativas.

Lembremos também que estaremos lidando com a memória de sujeitos e que estas se dão a partir de práticas cotidianas, e não são somente coletivas, como também individuais. Segundo Maurice Halbwachs (2006), as mesmas se interpenetram principalmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças ou até mesmo para preencher algumas lacunas, pode apoiar-se na memória coletiva, deslocando-se e se confundindo com ela em alguns momentos, onde a mesma nem por isso deixa de seguir seu caminho, pois a contribuição de fora é assimilada e incorporada de maneira progressiva à sua substância.

Para dar conta destas questões dividiremos este trabalho em dois capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Mãe Malvina: uma memória a partir da década de 1970” fora dividido em duas discussões, onde na primeira delas “1.1 –Breve olhares sobre a umbanda”, nos preocupamos em falar sobre a umbanda, sobre seu mito de origem, sobre sua história e algumas interpretações acerca da mesma. Como nosso foco não é a religião em si, nem o estudo desta, apontaremos Mãe Malvina dentro de algumas destas discussões. Porém sabe-se que a história da umbanda é importante para que possamos

entender alguns aspectos em torno da discussão desta memória, pois a mesma se dá principalmente em torno deste grupo social. E como principal referência sobre a história da umbanda em Florianópolis está o livro de Cristiana Tramonte já citado anteriormente, onde a autora constrói sua narrativa pensando Mãe Malvina como pioneira, uma narrativa muito parecida com a de alguns entrevistados. Pensando nesse sentido trata-se de uma memória que não encontra-se apenas no relato das pessoas e nos periódicos, mas também no principal trabalho acadêmico acerca da temática.

Nossa segunda discussão, que está no tópico 1.2, intitulada “A busca pela aceitação: a umbanda nos anos de 1970 e 1980”, procura levantar algumas questões sobre o que estaria acontecendo neste contexto histórico e que influências este contexto teve numa busca de aceitação social da religião. Pois sabemos que as religiões afro-brasileiras ora são extremamente perseguidas e ora são utilizadas como uma prática cultural importante para o país. Nesse sentido os anos de 1980 principalmente, parece ser um momento onde elementos da religião aparecem na mídia com força, pode-se perceber também nas notícias de jornais, que Mãe Malvina começa a aparecer nas reportagens nesse mesmo período, portanto pensamos ser importante contextualizar o final da década de 1970 e os anos de 1980.

O segundo capítulo “Histórias Contadas: relatos sobre Mãe Malvina”, pretende focar nos entrevistados e periódicos, onde iremos procurar fazer uma análise mais profunda dessa memória, procurando levantar algumas questões como o que se repete nas falas, o que escapa, quais são os conflitos? O mesmo está dividido em três partes, a primeira delas “2.1 - Intelectuais e Periódicos: o que tem a dizer sobre Mãe Malvina” é a nossa principal reflexão acerca das notícias de jornais e o papel destas em torno da construção de uma memória acerca de Mãe Malvina, vamos apontar que memória é esta, como as notícias constroem sua narrativa acerca desta memória, como os intelectuais se apropriam destas notícias e como os mesmos constroem suas narrativas em torno destas. Para esta análise escolhemos quatro notícias que recortam a década de 1980 e uma notícia de 1978.

Também foi feita uma breve discussão sobre como pretendemos trabalhar com esta fonte e quais são as principais preocupações para o historiador. Para lidar com estas questões, utilizamos o texto de Tânia Regina de Lucca (2008) “História nos, dos e por meio dos periódicos” onde a autora faz uma análise extensa destas três preocupações apontadas no próprio título, porém optamos em nos ater somente as preocupações do historiador, como a análise de discurso nas narrativas de notícias de jornais.

Nosso segundo texto “2.2- Depoimentos como fonte para o historiador” problematiza algumas questões em torno da metodologia da História oral, assim como uma análise acerca das discussões sobre memória, para que se possa entender melhor que tipo de escolha teórica fora feita ao analisarmos as entrevistas.

No último texto “2.3- Os relatos sobre Mãe Malvina e a construção de uma memória” faremos uma discussão partindo da fala de nossos entrevistados, pois foram os mesmos que nos ajudaram a levantar essa discussão em torno desta memória, ligando-as com algumas discussões já feitas e fazendo algumas ligações com entrevistas dos anos de 1970-1980 encontradas nas notícias de jornais, e com algumas entrevistas feitas por Cristiane Tramonte, para a produção de sua tese de doutorado. Procuramos apresentar uma história desta memória, assim como apontar se há diferença entre as mesmas ao longo do tempo.

Por fim é importante aqui dizer que não caberá neste trabalho, somente uma discussão teórica acerca da memória destas pessoas, mas também procurar levantar outras questões significativas, como por exemplo, pensar em como os trabalhos produzidos até então pelo próprio meio acadêmico fazem uso ou não desta memória, ou seja, em que medida a historiografia problematiza este discurso, se o mesmo muda com o passar do tempo ou permanece o mesmo. Contudo, gostaria de dizer aos que procuram a verdade sobre esta história, que não a encontrará, por isso não nos interessa desvendar se a memória construída acerca do suposto primeiro Terreiro é verídica ou não, o que nos cabe é problematizar o uso desta memória, como ela fora construída e por que.

1 - Mãe Malvina: Uma memória a partir da década de 1970

“O mundo construído é um mundo de experiências que se constitui pelas experiências e não tem nenhuma pretensão à verdade”

(Durval Muniz de Albuquerque Júnior)

No caso das religiões de matriz africana, que foram perseguidas, estigmatizadas e tiveram muitos de seus participantes reprimidos através da força, algumas visões que se formaram no final do século XIX e principalmente no início do século XX persistem até os dias de hoje, como o estigma social que estas práticas sofrem e em alguns casos até mesmo a proibição das mesmas.

Trazidos com a diáspora, os cultos de matriz africana revelam, segundo Renato da Silveira (2005), muito de nossas crenças e também de nossos preconceitos. Das diferentes práticas de populações africanas, surge o encontro, e com este a reformulação de diversos cantos, lendas e rituais. Onde ainda hoje, essas práticas são a memória viva influenciada pela tradição oral, do canto em ioruba aos batuques para os orixás.

Sendo assim, muitos estudiosos que procuram desvendar o surgimento da Umbanda no país se deparam com grandes dificuldades devido a esta particularidade que seria o uso da oralidade para a transmissão de conhecimento dentro da religião, ou até mesmo a autonomia que cada terreiro possui de reelaborar suas práticas. O que pode ser compreendido também ao longo das entrevistas, onde a grande maioria dos entrevistados tinham como referência a Mãe Malvina, porém muitos passaram a seguir outra “linha”. Sobre este assunto, um dos entrevistados Daniel, coloca; “O terreiro e o ritual vai se adaptando de acordo com a consciência das pessoas (...) a espiritualidade vai moldando o ritual e vai levando ao que eles chamam de ritual superior”²

Temos na região de Florianópolis várias linhas³ de Umbanda. Na fala de nossos entrevistados pode-se perceber que os próprios ensinamentos podem se modificar ao longo do tempo. Além disso, durante as entrevistas ouvimos algumas expressões como; “umbanda branca”, “umbanda esotérica”, entre outras, mostrando as diversas linhas existentes e maneiras de vivenciar a religião.

Além disso, a maioria de nossos entrevistados referenciam Mãe Malvina como um marco, assim como a autora Cristiana Tramonte (2001) que ao fazer uma extensa

²Entrevista realizada com Daniel no dia 21 de setembro de 2010.

³Quando as entrevistas de 2010 foram realizadas, descobrimos através das falas que existe a religião Umbanda, porém há diversas formas de praticá-la, o que denominamos de “linhas”.

análise de entrevistas e recortes de jornais em seu trabalho “Com a Bandeira de Oxalá”, também referencia, ou toma como marco inicial da umbanda na Grande Florianópolis o terreiro da Mãe Malvina. A autora se refere ao terreiro da personagem histórica Mãe Malvina não somente como um dos pioneiros, mas irá concluir partindo de suas análises que este teria sido o mais importante terreiro da região.

Segundo Tramonte o terreiro de Mãe Malvina fora conduzido por sua “filha carnal”⁴ que fora sua sucessora, mãe de santo desde 1973, Juraci Malvina Pereira, nascida em Florianópolis no ano de 1939. A nossa personagem em questão, Mãe Malvina, nascera no ano de 1910, em 14 de setembro na cidade de Itajaí, fora artesã e tecelã e segundo consta, começa a sentir sua mediunidade com idade próxima aos 30 anos. Sobre a história de Mãe Malvina a autora afirma;

Com o apoio do marido, o umbandista José de Barros, decide ir ao Rio de Janeiro em 1941 para desenvolver-se⁵. É aí que recebe as entidades que a acompanhariam durante toda sua vida religiosa, cerca de 47 anos dedicados à Umbanda: Vovó Maria Conga de Angola, dona do gongá⁶ de seu terreiro, Ogum Guerreiro, o enviado de São Jorge, Caboclo Munhagaba e Cabocla Jurema. Sua filha Juraci conta que ela “fez a cabeça”⁷ na Escadaria da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, na Bahia, em 2 de fevereiro de 1946, dia de Iemanjá⁸ e depois, veio para Florianópolis. No ano seguinte ela e o marido fundariam o centro Espírita de São Jorge⁹, inaugurado em 14 de setembro deste mesmo ano.¹⁰

É interessante ressaltar alguns pontos nesta citação, o primeiro deles é observarmos que Mãe Malvina e sua filha nasceram em Santa Catarina, reforçando uma ideia de pertencimento à terra, a ideia de que a primeira umbandista era catarinense.

⁴ É uma expressão utilizada pelos adeptos das religiões afrobrasileiras para diferenciar o filho natural do filho-de-santo.

⁵ A autora utiliza como referência o documento do DC, Florianópolis, 10/03/1996.

⁶ A autora faz referência ao termo utilizado na Umbanda “conga” ou “gongá”: Peji ou altar, onde ficam as imagens dos santos católicos sincretizados com orixás, estatuetas de Caboclos e Pretos Velhos, velas, flores, copo com água e etc. Termo usado na Umbanda e em cultos não tradicionais afro-indígenas.”

⁷ Segundo análise “fazer a cabeça- iniciar-se, submeter-se a determinados rituais e aprendizados das coisas do santo. Preparar ritualmente a cabeça para receber os orixás ou entidades. Quando um médium faz a cabeça, ele dá sua cabeça ao pai ou mãe-de-santo que a faz, isto é, fica sujeita ao seu poder espiritual”.

⁸ A autora faz esta nota para mostrar que esta parte fora retirada de uma entrevista concedida por sua filha Juraci Malvina Pereira a referida pesquisa e de uma reportagem retirada do DC documento, 10/03/1996.

⁹ A autora faz referência ao DC documento, 10/03/1996, onde o mesmo informa que ela já havia fundado um Centro Espírita na rua José Candido da Silva, no Balneário em 1945.

¹⁰ Estes dados foram retirados pela autora de uma entrevista concedida pela filha de Mãe Malvina para a pesquisa e do Diário Catarinense, DC documento, 10 de março de 1996. Na nota de rodapé não é informado a data da entrevista para a pesquisa. Para maiores informações consultar: TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!**: Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001. pg. 52.

Outro elemento que deve ser analisado é em relação à ida de Mãe Malvina ao Rio de Janeiro, neste caso a memória se sobrepõe a história, pois não é estabelecido marcos cronológicos deste período. Pensando do ponto de vista de uma análise histórica desta memória nos surgem algumas perguntas. A primeira delas é, será que Mãe Malvina teria ido ao Rio de Janeiro apenas por motivos religiosos? A segunda seria, por que existe dois discursos, um deles dizendo que Mãe Malvina foi ao Rio de Janeiro e outro dizendo que a Mãe de Santo fizera a cabeça em Salvador?

Em seu texto “Mãe Malvina: a pioneira”, Tramonte (2001) aponta uma contradição de ordem cronológica, o que nos remete a ideia de que esta memória, mesmo hoje cristalizada, apresenta diferentes discursos.

A autora inicia o texto citado no parágrafo acima dizendo que a umbanda considerada afro-brasileira que fora a pioneira onde hoje é a região da Grande Florianópolis. Uma das questões apontadas por Tramonte é que os entrevistados que aparecem em seu trabalho mencionaram alguns centros atuantes na mesma época de Mãe Malvina. Este dado é interessante, pois se outros centros estariam atuando no mesmo período, por que as outras personagens caíram no esquecimento e vingou a memória de Mãe Malvina? Afirmado então que não há nenhuma controvérsia sobre a referência de Mãe Malvina a autora toma como marco inicial da umbanda o terreiro dessa mãe de santo, fundado no ano de 1947.¹¹

Alguns entrevistados afirmam que Malvina nascera no ano de 1910 e próximo aos 30 anos de idade começa a sentir sua mediunidade (TRAMONTE, 2001, pg. 52). A autora ainda destaca na nota de rodapé que a reportagem do dia 8-10-1987 do jornal *O Estado* se mostra divergente, dizendo que sua iniciação teria sido aos 20 anos de idade. Se colocarmos estes dados de maneira cronológica, veremos que quando Mãe Malvina tinha aproximadamente 30 anos de idade estaríamos mais ou menos nos anos de 1940. Segundo a entrevista de sua filha Juraci, a mesma teria ido ao Rio de Janeiro no ano de 1941 para desenvolver-se, onde recebera a entidade que estaria com ela durante 47 anos dedicados a umbanda. Na mesma entrevista também fora dito que a Mãe de Santo teria feito a cabeça na Bahia no ano de 1946. Já no ano de 1947 Mãe Malvina funda seu terreiro, localizado até hoje no bairro Estreito, registrando-o oficialmente no ano de 1953, seis anos depois.

¹¹ A autora parece basear-se em suas entrevistas para esta informação, ela apenas refere-se que a reportagem do jornal *O Estado* do ano de 1987 apresenta uma versão diferente em relação a iniciação da Mãe de Santo.

Se pensarmos cronologicamente, podemos observar que a informação apresentada por Tramonte sobre quando a Mãe de Santo começa a sentir sua mediunidade estaria mais próxima a data que a mesma vai ao Rio de Janeiro desenvolver-se. A partir destes dados sabe-se então que existem alguns marcos sobre a memória coletiva acerca de Mãe Malvina, que teria sido a sua ida ao Rio de Janeiro, sua iniciação na Bahia e a fundação de seu terreiro. Pode-se observar que alguns elementos em torno desta memória tornam a trajetória de Mãe Malvina especial, pois ela sai da cidade onde mora para desenvolver-se no Rio, depois vai até a Bahia, só depois retorna para Florianópolis onde funda seu terreiro, dedicando-se a religião por 47 anos¹².

Sabemos que existe uma memória cristalizada em torno destes sete anos de trajetória (número este repleto de referências sagradas), mas pouco se sabe sobre Mãe Malvina como sujeito, além destes marcos estabelecidos. Para nós, no entanto é interessante entender e observar como e onde estes marcos aparecem nas reportagens e nas entrevistas, e para além destas duas fontes observamos também que a autora Cristiana Tramonte elabora sua narrativa baseando-se nestas datas. Além disso pode-se observar a partir de algumas falas que a história da umbanda em Florianópolis vai um pouco além disso. Juraci, filha de Mãe Malvina aponta:

Tinha a Dona Didi, logo mais embaixo a Dona Clarinda, do Balneário¹³, era só. Mas ninguém entendia nada de umbanda, foi ela que implantou a umbanda em Santa Catarina...foi esclarecendo tudo. Foi dizendo da Cabocla Jurema, da Vovó Maria de Conga.¹⁴

A fala acima mostra que outras pessoas também estariam dedicando-se à religião no mesmo período de Mãe Malvina, mas segundo sua filha, fora ela quem trouxe os ensinamentos, ou seja, o que podemos destacar nesta fala não é uma preocupação em mostrar que ela fora à primeira, mas sim de apontar a importância de seus ensinamentos.

O Centro Espírita de São Jorge está localizado no bairro da Coloninha, Rua Felipe Neves, área continental da cidade, onde hoje em dia podemos dizer que se trata de um local urbanizado e bastante povoado, porém nos anos que fora instalado tratava-se de uma região desabitada. Tramonte conclui que provavelmente buscava-se fugir de perseguição policial e vizinhança. Nossa personagem em questão era membro do

¹² Este dado não é oficial, fora retirado da tese de Cristiana Tramonte (2001, p. 52). Este discurso será analisado no decorrer do trabalho.

¹³ Retirado do texto: TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!:** Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001. pg. 52. Segundo a autora: “Mãe Antonieta informa mais tarde que o terreiro era ao ‘pé da Ponte’ no Estreito e que nenhum deles tocava atabaque, devido a perseguição policial.”

¹⁴ Entrevista concedida para a pesquisa de Cristiana Tramonte.

Conselho Estadual Cristão-Espírita de Umbanda/Culto Afro-brasileiro. A autora aponta segundo cálculos mais de 30.000¹⁵ sujeitos de diferentes grupos sociais frequentaram o Centro Espírita, dentre estes políticos como Esperidião Amin, Ângela Amin e Cezar Souza.¹⁶ Independente da fidelidade ou não desses dados, é importante destacar o quanto eles contribuem para a cristalização da importância de Mãe Malvina na tradição religiosa afro-brasileira em Santa Catarina, pois além de ser apontada como a primeira, seria ainda a mais procurada em número de pessoas e a mais requisitada por personalidades políticas. Todos esses elementos contribuem de forma poderosa para a legitimação da memória social dessa mãe de santo no cenário catarinense. Pode-se afirmar, portanto, que a Academia participa diretamente da construção dessa memória.

1.1 – Breves olhares sobre a umbanda

Como nosso recorte temporal parte dos anos de 1970, faremos uma breve análise sobre alguns contextos específicos, tentando mostrar como a religião se insere nos mesmos, ou em como estes contextos influenciam sua trajetória. Para que tenhamos uma maior compreensão de como se dá a visibilidade da religião a partir dos anos de 1970, pensamos também na construção da imagem da Mãe Malvina como pioneira da umbanda na Grande Florianópolis a partir deste contexto. Porém é interessante pensarmos, partindo de algumas interpretações, questões acerca da trajetória da umbanda no Brasil.

Todos que procuram estudar sobre a história das religiões afro brasileiras em Florianópolis, dificilmente não irão citar a Mãe Malvina como uma pessoa muito importante dentro da comunidade umbandista, ou até mesmo como a pioneira da religião na cidade. Como sabemos da importância de Mãe Malvina para a história da

¹⁵Neste texto a autora não informa em que momento histórico estes dados se referem e de onde os mesmos foram retirados. Porém afirma que esta é uma questão a ser trabalhada posteriormente em seu texto.

¹⁶A autora não nos informa de onde estas informações são retiradas, porém segundo a notícia do dia 22 de junho de 1988, do jornal O Estado escreve que seu terreiro era “frequentado por políticos e personalidades”. Além disso um vídeo feito por estudantes de jornalismo da UFSC para um trabalho final da disciplina “Grande Reportagem”, apresentado no dia 05-10-2007, mostra uma entrevista feita com Esperidião Amin, onde o mesmo fala sobre Mãe Malvina e de sua relação com o terreiro da Mãe de Santo. Este vídeo encontra-se disponível na página: <http://www.youtube.com/watch?v=sj-zinwGrc>.

umbanda vamos procurar compreender os usos feitos da memória que se criou sobre nossa personagem histórica.

Antes de ser uma das personagens mais importantes dentro da umbanda em Florianópolis Mãe Malvina era uma pessoa comum, das muitas que circulavam na cidade, dotada de experiências que aos poucos foi se configurando em um sujeito de discursos elaborados nas mais diversas instâncias e instituições. Com o passar do tempo, tais discursos vão se descolando da personagem histórica até assumir a imagem mítica construída social e historicamente.

Mas quais memórias, trabalhos acadêmicos ou notícias de jornais teriam formulado, ou produzido uma narrativa de Mãe Malvina não como sujeito comum, mas como a Mãe de Santo pioneira da umbanda em Florianópolis? Sabemos sobre sua importância e concordamos com a mesma, mais quais histórias e discursos são contados sobre esta importância principalmente a partir de 1970? Talvez esta seja a nossa principal pergunta, mas antes vamos conhecer um pouco sobre o que fora produzido sobre a história da umbanda.

Muitos estudiosos apontam que a Umbanda teria surgido através de uma herança de diferentes povos oriundos de África, que trazidos pela diáspora reelaboraram e recriaram suas práticas e cultos no Brasil. Diferente da maioria das religiões a Umbanda é conhecida por introduzir diversos elementos de outras religiões como o kardecismo, elementos de práticas das populações indígenas e até mesmo do catolicismo. Segundo Adolfo de Mendonça Junior;

A umbanda é considerada a mais genuína religião brasileira de origem africana, culto brasileiro dos orixás, derivado dos candomblés da Bahia, mas fortemente marcado por cultos dos índios brasileiros, catolicismo popular e pelo espiritismo (MENDONÇA, 2010, p. 2).

Marcos Alexandre Capellari (2001) faz uma análise sobre os elementos fundadores da Umbanda e destaca que estes poderiam ter sido desenvolvidos a partir de outras práticas religiosas afro-brasileiras como a Cabula, onde o chefe era chamado de embanda; ou mesmo na macumba, onde o chefe era chamado de umbanda. Segundo o autor, entende-se por religião afro-brasileira: uma religião que fora “o conjunto de práticas religiosas desenvolvidas a partir do contato entre civilizações de origem europeia, africana e americana em solo brasileiro” (CAPELLARI, 2001, p. 65).

E este foi o conceito que optamos neste trabalho quando falamos em “religião afro-brasileira”.

Pode-se encontrar dentro da historiografia diversas interpretações acerca do surgimento da Umbanda no Brasil. A Umbanda teria surgido, segundo seu mito fundador, no ano de 1908, onde em 15 de novembro deste ano o Caboclo das Sete Encruzilhadas teria vindo à Terra para fundar a religião por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes. Sendo este, o mito que hoje conta com a aceitação da maioria de seus praticantes. (PINHEIRO, 2011, p. 221)

Artur Cesar Isaia (1998) aponta que a forma como a umbanda surge no mercado de bens simbólicos traz consigo uma suposta tendência em credenciar-se como uma religião tipicamente brasileira, diferente do candomblé e demais expressões mediúnicas. O autor também fala da entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas, analisando o discurso em que o mesmo teria se manifestado em uma sessão kardecista, no Estado do Rio de Janeiro, na mesma data já citada no parágrafo acima. Nessa ocasião teria explicitado seu desejo “astral” em criar uma religião tipicamente brasileira. Além disso, a mensagem fundadora do início do século XX dotada de um conteúdo nacionalista acenava, segundo o autor, para uma religião capaz de encampar a ideia de democracia racial, assim como “disciplinar” práticas mediúnicas já presentes no cotidiano das populações.

Ainda se tinha nesse momento histórico, um discurso católico que remetia a prática da Umbanda a superstições próprias do modo de vida de populações a margem da ideia de civilização e do progresso. Em contrapartida havia o esforço de intelectuais umbandistas em acenar para o caráter distintivo da nova religião. (ISAIA, 1998, p.5). Lembremos também que se tratava de um Brasil cujo contexto era permeado de valores progressistas e científicos que buscavam no branqueamento racial a solução dos problemas sociais do país.

A cidade do Rio de Janeiro no início do século XX era dotada de uma população pouco inferior a de um milhão de habitantes, destes, a maioria da população era afro-descendente. Muitos destes sujeitos eram ex-cativos vindos do Vale do Paraíba em busca de novas oportunidades, muitas vezes ligadas a atividades portuárias. Estas pessoas moravam em casarões antigos localizados em regiões centrais perto do porto. Para as autoridades estas populações significavam uma ameaça à ordem pública, à segurança e à moralidade, por esses motivos foram proibidas diferentes práticas, como cultos religiosos, cantorias e danças que remetessem à matriz africana. (SEVCENKO, 1998, p. 21)

Isaia (1998) irá abordar que também nos anos de 1950 há um esforço por parte da igreja católica em aproximar a prática da umbanda à marginalidade, ao mau e a ideia de atraso. Segundo o autor, os discursos médicos juntamente com o discurso religioso viam a necessidade de combater todos os valores que julgavam capazes de perpetuar a ignorância e impedir o progresso.

O autor supracitado, em seu trabalho “Umbanda, Intelectuais e Nacionalismo no Brasil” (2012), aponta que ao acompanharmos a história da umbanda no país encontraremos algumas características específicas da religião, próprias de um segmento, onde ao pensar a nova religião pensava-se também o Brasil. Os intelectuais umbandistas pensavam uma religião tipicamente brasileira capaz de envolver uma representação miscigenada.

O período do Estado Novo no Brasil, mais especificamente nos anos que sucedem 1930, é marcado por uma conjuntura de intelectuais, como Gilberto Freyre, que defendera a valorização de uma representação do nacional. Neste contexto, segundo Isaia, a expressão “espiritismo de Umbanda” aparece como um processo de identificação proposto por seus intelectuais, num momento onde a religião tenta afirmar-se perante o campo religioso no Brasil.

Em “Miscigenação e Biopolítica no Brasil”, Mozart Linhares da Silva (2012) problematiza três momentos históricos pensando a “relação existente entre o discurso sobre a miscigenação e as estratégias de governo e biopolíticas na conformação da chamada “identidade nacional” brasileira.” Pensando nesses trabalhos pode-se perceber [que] a trajetória da umbanda ao longo do século XX dependerá não somente da aceitação das pessoas, mas sim de contextos históricos específicos, além do próprio esforço de intelectuais umbandistas em acenar o caráter distinto da nova religião, como aponta Isaia (2012).

Linhares (2012) pensa em três recortes temporais para sua análise dos discursos sobre miscigenação no Brasil. São eles, os anos de 1910 a 1930, onde o autor analisa as propostas de branqueamento da população brasileira, os anos de 1930 a 1950, onde ocorre a partir do governo Vargas a construção de um ideário da “democracia racial”, e por último, as décadas de 1980 – 2010, quando se consolida os movimentos sociais antirracismo, assim como a crítica à democracia racial partindo de uma nova estratégia de discurso amparada na internacionalização das posturas intervencionistas. Para a nossa análise, utilizaremos somente os dois últimos recortes, lembrando que os três são importantes para pensar a umbanda no Brasil, no entanto, a mesma possui uma longa

trajetória, que não é objeto deste estudo. Porém, acreditamos que uma breve consideração sobre alguns momentos históricos torna-se necessária para pensar os anos de 1970.

O autor irá chamar de período “pré-modernista” o momento em que a “identidade nacional” fora pensada a partir de categorias científicas vindas da segunda metade do século XIX, onde o racismo e o biodeterminismo estruturam as formas de pensar a sociedade no ocidente. No caso do Brasil, estas teorias interferiram significativamente na cultura nacional, onde se constrói uma rede discursiva que teve grande efeito na “constituição de regimes de verdade sobre a população e a ‘identidade nacional’” (LINHARES, 2012, p. 197). Para o autor a eugenia pode ser compreendida como uma prática discursiva, onde a mesma baseia-se em saberes biológicos, científicos ou não, concentrados na raça e sua pureza, e (ou) uma estratégia de intervenção social cujo objetivo era de redesenhar a população com o intuito de fundar “uma identidade nacional baseada nos critérios clássicos da categoria Estado-nação, conforme a tradição europeia.” (LINHARES, 2012, p. 202)

No início do século XX, mais precisamente durante os anos de 1920 e 1930, uma série de políticas públicas foram adotadas dando ênfase na política de imigração, eram estas, de caráter eugenistas, pois interessava a construção de um povo brasileiro com a importação de descendentes de europeus, o que atendia a duas motivações, o branqueamento e a deturpação das populações de origem africana na composição da população. (LINHARES, 2012, p. 202)

Nesse contexto, as práticas religiosas afro-brasileiras, foram perseguidas, demonizadas e tiveram muitos de seus adeptos reprimidos através da força, algumas visões que se formaram no final do século XIX e principalmente no início do século XX podem persistir até os dias de hoje. No caso da Grande Florianópolis a perseguição a estas práticas não fora diferente, pois o primeiro terreiro de Umbanda ao qual se tem referencia teria surgido numa região praticamente desabitada, procurando uma suposta invisibilidade que provavelmente visava proteger seus praticantes desses estigmas sociais (TRAMONTE, 2001).

Conforme afirmado acima, Tramonte (2001) dá crédito a ideia de que o primeiro terreiro de Umbanda aberto ao público na Região da Grande Florianópolis, teria sido o terreiro da mãe-de-santo Malvina Ayroso de Barros (1910/1988), o *Centro Espírita São Jorge*, fundado em 1947 e registrado oficialmente em 1953. O terreiro ocupava em uma área na região da Grande Florianópolis quase desabitada, buscando uma invisibilidade;

pois “certamente protegeria o grupo da violência originária dos estigmas, companheiros da história das religiões afro-brasileiras no Brasil e também em Florianópolis”.

Isaia nos mostra que uma das características mais marcantes da umbanda é a formação de um segmento intelectual que segundo ele é “imbuído de um projeto normatizador, querendo impor-se as práticas multifacetadas que caracterizaram e caracterizam a religião” (2012, p. 1). Apontando que entre os anos de 1930 e 1940 a religião irá alcançar uma certa visibilidade proveniente de algumas características próprias desse segmento, que, pensando a nova religião, não deixava de pensar o Brasil.¹⁷ Ao analisar os anos de 1950 em “Huxley Sobe o Morro e Desce ao Inferno: A Umbanda no Discurso Católico nos Anos 50” (1998), Isaia discute que nos anos de 1950 ocorreu reações diante da visibilidade conquistada pela religião, baseadas na ideia de progresso, encarada como importante formação discursiva presente no período, tanto na imprensa católica como na laica.

Esta mesma ideia interfere na cidade de Florianópolis, onde os urbanistas dos anos de 1950, baseados no discurso de progresso visam remodelar o espaço urbano da cidade, mesmo que estas transformações só fossem sentidas em décadas posteriores. Isaia (1998), mostra que nesse mesmo período, um cruzamento de saberes, ratificado pela Igreja, tentara desqualificar a umbanda socialmente, aproximando-a as superstições, do atraso e da miséria, segundo o autor:

Quando, em 1958, Aldous Huxley visitou o Brasil, ocorreu um fato emblemático, capaz de ilustrar as transformações históricas pelas quais passava o campo religioso brasileiro. Levado a visitar as manifestações religiosas abrigadas no morro do Salgueiro, o escritor conheceu as práticas mediúnicas e os rituais familiares ao cotidiano de seus habitantes (ISAIA, 1998, p. 1).

Parte da imprensa brasileira, em suas manifestações evidenciou claramente, segundo o autor, um estranhamento por parte da elite diante de uma realidade distante da ideia de progresso que era tão atraente. Esta reação casava com a campanha promovida pela Igreja Católica contra a proliferação da umbanda no Brasil, não somente a umbanda, mas a campanha possuía outros alvos, como também todas as formas de manifestações mediúnicas como o espiritismo kardecista e as diversas manifestações religiosas de matriz africana.

¹⁷Para maiores informações a respeito desta discussão, ver: ISAIA. Artur Cesar. **Umbanda, Intelectuais e Nacionalismo no Brasil**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.9, ano IX, nº3, 2012.

Se pensarmos a região onde hoje é a Grande Florianópolis, veremos que os primeiros terreiros abertos ao público serão duramente perseguidos nesse momento histórico. Segundo Tramonte (2001) são nos anos de 1940 até os finais dos anos de 1960 que caracteriza o período de busca de afirmação das religiões afro-brasileiras em Florianópolis (p. 466), sendo também um marco em âmbito nacional (p. 49). Um sinal de busca desta afirmação, segundo a autora, seria a abertura dos primeiros terreiros abertos ao público, que caracterizam este contexto, apontando que “os primeiros centros abertos serão marcados por preconceitos por parte da opinião pública e desencadearão violenta repressão policial, para os quais os religiosos traçarão estratégias diferenciadas de enfrentamento” (p. 466).

Como Mãe Malvina abre seu terreiro aproximadamente nesse período, sabe-se de sua trajetória de luta pela aceitação da religião, segundo Tramonte (2001) em determinado momento histórico a mãe-de-santo é perseguida e até mesmo presa, mas a mídia nos anos posteriores mostra outra Mãe Malvina¹⁸. Nossa pergunta é por que era importante incluir a perseguição política na trajetória e afirmação de Mãe Malvina. De que forma isso positiva e valoriza sua afirmação como a pioneira, a primeira, a mais importante mãe de santo. Além disso, dentro do contexto da década de 1970 era importante denunciar as perseguições infligidas às populações negras? Nesse caso os contextos históricos nos ajudam na resposta desta pergunta. Porém nos cabe dizer pelo que pode ser percebido nas entrevistas feitas para este trabalho no ano de 2010, que sua figura fora muito importante para quem era pertencente à religião. Mas em determinado momento muito importante também para os jornais.

Nesse sentido, é interessante analisarmos algumas questões. A primeira delas está relacionada ao contexto histórico e as estratégias das religiões afro-brasileiras de busca por uma aceitação social, outra questão está relacionada à memória de alguns sujeitos em relação à perseguição a estas práticas e a possível visibilidade dada pela mídia em relação à questão da perseguição.

Porém é em meados dos anos de 1970 que ocorre uma disseminação pela Grande Florianópolis de Congás de Umbanda e Terreiros de Candomblé¹⁹. E tendo como foco os processos de modernização em Florianópolis e seus impactos na configuração espacial e social da cidade, sabemos que grupos religiosos recebem influências e

¹⁸A autora retira a informação de que Mãe Malvina teria sido presa do Diário Catarinense do dia 10-03-1996.

¹⁹Estas informações foram retiradas da tese de Tramonte (2001, p. 61), porém a autora diz que os terreiros de Almas e Angola começam surgir também a partir dos anos de 1950.

formam espaços. Sendo assim, na perspectiva pretende-se encontrar as particularidades e a pluralidade dos significados nas falas dos entrevistados que referenciam a Mãe Malvina como a pioneira da umbanda na cidade.

Independente de tentar encontrar a origem da Umbanda no país ou mesmo na região da Grande Florianópolis é importante destacar que os significados dados a determinadas manifestações culturais não são estáticos, pois de acordo com o contexto histórico, social e político estes significados mudam. Ou seja, a umbanda fora menos e mais perseguida ao longo de sua história dependendo do contexto político e social em que está inserida. Porém na fala dos entrevistados pode-se perceber uma “memória coletiva” (HALBWCHS, 2006) referenciando a Mãe de Santo Malvina como a pioneira da religião em Florianópolis. Essa memória ganha forma a partir da década de 1980 principalmente, quando a imprensa e posteriormente pesquisadores acadêmicos procuram dar visibilidade a Umbanda. Em função disso, vale reconstruir o contexto desse período para entender a fixação da memória de Mãe Malvina.

1.2 – Busca pela aceitação: A umbanda nos anos de 1970 e 1980

“O discurso que revela a ação revela também o seu sujeito. Assim, do discurso dependeria a atribuição de sentido às coisas, a partir do primeiro significado, que permite o diálogo humano, que é o de estabelecimento das identidades” (Eder Sader 1988)

Antes de nos depararmos com algumas fontes ou mesmo alguns trabalhos que falem sobre a Mãe Malvina, é importante que se tenha um apanhado sobre o que significou em termos históricos, falando em sociedade civil, as décadas de 1970-1980 no Brasil. Emir Sader (1988) referencia estas décadas como o momento em que ocorre a explosão dos movimentos sociais no país. Além da transição política que sofrera, o Brasil passa por um período em que os movimentos sociais tomam a cena no calor da hora.

A década de 80 em especial, pode ser considerada singular se pensarmos nos movimentos sociais, pois um país que vivera sobre as amarras da ditadura militar encontrava-se em momento de redemocratização, onde centenas de pessoas clamavam por eleições diretas. E se pensarmos em termos políticos e econômicos, o famoso “milagre” e seu fracasso deixou o terreno fértil para dar voz aos movimentos sociais.

Porém ao analisar as lutas dos trabalhadores de São Paulo neste período, por exemplo, Eder Sader diz que as mesmas dificilmente podem ser explicadas pela exposição das “condições dadas”, decorrentes do sistema social como: “os padrões da acumulação capitalista, o desenvolvimento urbano (ou sua crise), a forma do Estado”(SADER, 1988, p.26). Mais do que uma análise de como os trabalhadores naquele período se organizam, Sader nos mostra através de seu trabalho, que entre 1970-1980 ocorre uma mudança significativa na sociedade civil e suas formas de lutas e que as mesmas não podem ser explicadas apenas por fatores políticos do período, como o famoso “milagre econômico”.

Muitos trabalhos dentro da historiografia exploram a ação da igreja pelo importante papel que desempenhara no momento supracitado, mas poucos trabalhos pensam as religiões afro-brasileiras neste contexto, nosso objetivo neste capítulo é mostrar que a mesma também tivera um papel significativo. No caso da Grande Florianópolis, por exemplo, temos a positivação dos terreiros de umbanda, ligando Mãe Malvina e sua casa, como o mais importante centro religioso afro-brasileiro da cidade. Mas porque sua figura passou a ser tão valorizada? De onde, ou de que grupos, esse discurso emergiu?

Para que possamos compreender os fins dos anos de 1970 e início dos anos 80 é preciso entender o que significou a vida dos trabalhadores das classes menos favorecidas economicamente, principalmente a partir dos anos de 1960. Pode-se dizer que não temos na história, uma experiência homogênea desses sujeitos. Existiam diferenças onde, de um lado estão os diversos lugares ocupados na divisão do trabalho e, de outro, os diversos padrões culturais existentes que produziam experiências diversas (SADER, 1988, pg. 63).

No caso da umbanda, vimos que trata-se de uma religião que possui uma luta histórica para aceitação social e que portanto os integrantes desta crença, além da luta política pela aceitação, desde o início do século XX, tiveram que elaborar e reelaborar estratégias cotidianas de sobrevivência de sua crença. Sendo assim, pode-se pensar, assim como Tramonte, que talvez a escolha por um lugar a princípio mais afastado, tenha sido uma estratégia contra a perseguição social a estes cultos.

Porém tomemos o que hoje seria a região da Grande Florianópolis como palco de nossa história para pensarmos os anos de 1970 e 1980, podemos pensar que assim como a cidade sofre transformações ao longo do século XX, os sujeitos inseridos na

mesma também são agentes de transformações ao longo da história, reelaborando sentidos e novas formas de luta no espaço urbano. Sobre esta discussão, Sader coloca:

No calor dos acontecimentos decisivos, que abriam espaços de visibilidade por onde os agentes identificaram suas realidades, emergiram novos significados. Nas lutas sociais, os sujeitos envolvidos elaboram suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmos. Para essas reelaborações de sentido, eles recorrem a matrizes discursivas constituídas, de onde extraem modalidades de nomeação do vivido. Porque há sempre uma defasagem entre realidade e representação, entre acontecimento e palavra, embora não seja jamais possível depurar uma da outra, tão impregnadas estão umas das outras. Ao usar palavras feitas para nomear conflitos onde justamente se enfrentam interpretações antagônicas e se instauram novos significados, os sujeitos em luta operam mudanças de sentido nessas mesmas palavras que eles usam. (SADER, 1988, p. 142)

Nas décadas de 70 e 80 no Brasil temos o movimento negro e suas reivindicações contra o racismo histórico no país, as greves do ABC, milhões de pessoas nas ruas pedindo por eleições diretas, a teologia da libertação e as ações sociais da Igreja. A Igreja católica, por exemplo, teve um papel social significativo nesse momento, quando se muda o discurso ou a forma de utilização do mesmo. Segundo Araujo (2004) “Com a teologia da libertação e as CEB’s, o discurso perde sua característica de autoritário – o novo tipo de atuação da Igreja, inserindo-se entre o povo com as CEB’s, nos remete a uma análise do cotidiano popular uma vez que é importante perceber as formas pelas quais o discurso religioso é assimilado e reinterpretado nas periferias.”

Ao analisar o trabalho social do padre Vilson na comunidade do Mont Serrat em Florianópolis no segundo quartel do século XX, Camilo Araujo (2004) aponta que é com a concepção de conhecer e compreender o outro que Vilson constrói seu ministério sacerdotal durante os 20 anos de atuação na comunidade, em um de seus discursos no ano de 2002, Vilson discute a importância da umbanda na comunidade:

O terreiro é um espaço de inclusão, ele inclui a criança, a vovó, o bebê de colo porque a mãe está ali batucando, e o bebê já vai no embalo do batuque porque o toque é importante para o mundo negro. O tempo e o espaço do negro está muito ligado ao ritmo, ao corpo. (...) É interessante quando a gente passa nas casas e não vê um banheiro descente, fazem suas necessidades em num canto, mas ao entrar no barraco vemos uma aparelhagem de som novíssima. Agora, não compreender que a música para o negro é como comida, é não

compreender o seu tempo, seu espaço, o seu ritmo, e o terreiro me mostrou isso.²⁰

Vimos então que mesmo sendo de origem católica, ocorre uma aceitação por parte do padre, pois o mesmo entende que estas práticas são de grande importância para a população. Mesmo sendo um discurso de 2002, é interessante pensar que ambas as religiões podem conviver em harmonia, em prol do bem que ambas fazem às pessoas da comunidade. Porém este é um exemplo, pois se sabe que as religiões afro-brasileiras possuem uma história de luta pela aceitação em todo o país.

Os fins dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 recortam o contexto onde o Movimento Negro elabora uma crítica bastante contundente à ideia de miscigenação, como base de organização do discurso sobre a identidade nacional e sobre as relações inter-raciais no país, aponta Mozart Linhares da Silva (2012). É a partir do supracitado ano que os movimentos antirracistas ficam mais combativos, se pensarmos em termos de denúncias contra o racismo. Em 1979 temos a fundação do MNU e, no mesmo ano, o 13 de maio, data que comemorativa da abolição, é substituída pelo 13 de novembro, data da morte de Zumbi, como o dia da Consciência Negra. Percebe-se então que ocorre nesse período uma mudança de discurso dos próprios movimentos sociais.

Alguns autores também consideram os sambas produzidos nas décadas de 1970 e 1980 como uma forma de luta antirracista do período, temas como “mestiçagem” e visões sobre o Brasil são recorrentes nos sambas. Em “O Brasil de Noel a Gabriel”, José Murilo de Carvalho (2004) aborda como o tema nação é representado em canções cuja palavra “Brasil” aparece no corpo do texto ou da letra, onde segundo o autor, no período de regime militar, temas de cunho político são fortes, porém temas que representassem o Brasil estariam ausentes das canções. Se pensarmos na cantora Clara Nunes, por exemplo, pode-se perceber que a partir dos anos 70, a intérprete passa a cantar músicas com ritmos e temáticas que remetem a África e as populações de origem africana no país.

Se pensarmos nos sambas, por exemplo, e em artistas como Clara Nunes, João Bosco, Paulo Cesar Pinheiro, Aldir Blanc, Baden Powell e Vinicius de Moraes veremos que a religiosidade afro-brasileira estará presente de maneira significativa nas obras dos

²⁰Palestra “O avesso da capital” proferida por Wilson Groh em 26 de março de 2002, e recortada por Camilo Araujo em seu trabalho: ARAUJO, Camilo Buss. **A sociedade sem exclusão do Padre Wilson Groh: A construção dos movimentos sociais na comunidade do MontSerrat**. Florianópolis: Editora Insular, 2004. Pg. 125.

mesmos. Canções como “Nação” de João Bosco, Aldir Blanc e Paulo Emílio e “Tributo aos Orixás” de Mauro Duarde, Noca e Rubem Tavares e interpretadas por Clara Nunes, englobam alguns elementos deste universo religioso.

Segundo Brugger (2006), se pensarmos o início da letra “Nação” pode-se perceber uma referencia de diálogo entre Dorival Caymmi e Oxum, sintomaticamente o orixá de Mãe Menininha, Mãe de Santo do cantor e compositor supracitado. Segundo a autora um indício musical da força com que o candomblé, assumia nas décadas de 1970 e 1980 fora a canção composta por Caymmi para Mãe Menininha, “Oração de Mãe Menininha” em 1972. A autora diz que a música “Nação” interpretada por Clara Nunes insere-se no universo religioso afro brasileiro, do candomblé e da umbanda.

É possível dizer então que a luta pela afirmação da memória de Mãe Malvina, descrita pela autora faz parte do momento em que o país vivia. Pela fala de Juraci citada acima vimos que a memória que se tem é que Mãe Malvina teria feito sua cabeça na Bahia. De acordo com Brugger (2006) em 1983 as ialorixás da Bahia sentem a necessidade de um manifesto em defesa do candomblé. Mesmo Mãe Malvina sendo umbandista, a memória que se tem da mesma em Florianópolis casa com a imagem de luta pela defesa de sua religião, assim como as ialorixás indicadas no texto acima, ou seja, há uma conversão, efetuada pela memória, entre a luta das mães de santo com a afirmação da memória de Mãe Malvina. Sua afirmação, portanto, é garantida de forma ampla e politizada, além de inserida em uma lógica nacional de resistência e luta contra o racismo e afirmação da comunidade negra e suas expressões culturais e religiosas.

A visibilidade social de Mãe Menininha na Bahia, talvez seja um dos elementos de frequente relação existente, em termos de construção de memória, entre a Mãe Malvina e a Mãe de Santo da Bahia. Segundo uma de nossas entrevistadas realizadas em 2010, Mãe Malvina teria feito sua trajetória na umbanda, passando pelo Rio de Janeiro e também pela Bahia com Mãe Menininha:

F: Mas isso é uma história que vocês conhecem. Como que chegou a Umbanda aqui, como que a Malvina implantou o terreiro, isso é uma história que vocês sabem.

E: Sim.

F: Mas conta para gente.

E: Ai, bom.

F: O que você lembra, não tem problema.

E: Ela morava (...), por motivo de doença também aí ela foi pro Rio, aí no Rio ela começou a se desenvolver e pediram para ela montar uma casa para poder dirigir esta casa que ela montou aqui no estreito. Ò, tá começou e tal tal tal e ela foi fazer Mãe um reforço, não lembro.

Só que ela foi pegar os ensinamentos e os fundamentos lá na Bahia com a Mãe Menininha, aí então ela fez parte da sua cabeça lá com a Mãe Menininha e depois começou a dar andamento aqui.²¹

Na fala acima podemos identificar a relação existente entre a fala de nossa entrevistada, no ano de 2010 e a fala de Juraci, filha de Mãe Malvina do ano²², onde E descreve a mesma trajetória que Juraci²³ descreveu, com menos detalhes, mas ainda assim pode-se perceber essa cristalização em torno da memória sobre a trajetória de Mãe Malvina, onde Rio de Janeiro e Bahia aparece novamente. Ainda na fala acima, nossa entrevistada aponta que “pediram pra ela montar uma casa pra poder dirigir”, não mencionando quem teria pedido.

Embora o objetivo deste trabalho não seja de mapear as relações de Mãe Malvina com outros terreiros, é interessante pensar que não é possível precisar ou verificar essa informação, mas é importante destacar e pensar o vínculo estabelecido de Malvina com Mãe Menininha. Podemos pensar então que o vínculo entre as duas mães de santo faz parte de uma construção social da memória, que coloca Mãe Malvina como uma espécie de Mãe Menininha catarinense, ou seja, ambas são consagradas em uma só imagem. Vimos que nos fins dos anos 70 e início dos anos 80 no Brasil a sociedade está repleta de movimentos sociais, cada qual procurando seu espaço nas lutas sociais, espaço que lhes foi negado pelas amarras do conservadorismo e racismo político e social do país.

As canções com temas e personagens das religiões afro-brasileiras circulavam nos meios de comunicação como o rádio e a televisão. O consumo entre as classes populares vinha crescendo significativamente, fazendo com que grande parcela da população brasileira, mesmo não sendo um integrante da umbanda ou do candomblé, tomavam conhecimento e se identificavam com essas canções. Segundo Rachel Rua Baptista Bakke:

²¹Entrevista realizada em 09 de agosto de 2010 na cidade de Florianópolis, para ser utilizada no projeto **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**, realizado para o disciplina Prática Curricular Patrimônio Cultural II. Optamos por não revelar o nome desta entrevistada como forma de preservá-la nesta monografia. Esta foi uma escolha nossa, pois não fora encontrado o documento de autorização da entrevistada. Porém os demais entrevistados que nos autorizaram ou que foram retirados da tese de Cristiana Tramonte terão seus nomes revelados. Todas as entrevistas feitas no ano de 2010 que foram aqui citadas estão disponibilizadas no Relatório final do Projeto de Patrimônio “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis”.

²²Pág. 18.

²³A autora não informa neste capítulo a data da entrevista com Juraci, porém sabe-se que seu trabalho fora publicado no ano de 2001. Podemos pensar então em aproximadamente dez anos de diferença entre as entrevistas.

Muitas vezes é possível entrar em contato com valores de uma determinada religião sem que, necessariamente, a pessoa seja adepta ou tenha vivido alguma experiência nesse universo religioso específico. Isso ocorre, principalmente, quando símbolos, experiências, valores e elementos do ritual ultrapassam os limites dos locais de culto tais quais terreiros, igrejas, templos etc., e aparecem como contexto em reportagens de jornal ou revistas, em obras de arte, nas peças teatrais, ou em livros e músicas. Nessa perspectiva, a Música Popular Brasileira (MPB) é um importante veículo divulgador do universo religioso afro-brasileiro, mais especificamente a umbanda e o candomblé, contribuindo para a conformação de um imaginário sobre o mesmo que se encontra diluído na cultura nacional. (BAKKE, 2007, p.1)

No documentário feito por estudantes de jornalismo da UFSC em 2004, o umbandista Pai Giovani fala dos anos de 1980, dos artistas e da própria mídia como elementos importantes para a aceitação da religião no país:

Na década de 80 o preconceito começou a diminuir, eu senti assim que o preconceito foi diminuindo até porque a mídia jogou a umbanda de uma forma mais positiva, a televisão, os artistas procuravam os centros de umbanda, etc...Década de 90 o preconceito começou, sabe porque? Por causa da igreja universal, então hoje em dia a religião que sofre mais com a igreja universal, que é a mais perseguida, é a umbanda, eles perseguem a umbanda, eu acho assim, de uma forma bem abusiva.²⁴

Pode-se perceber então que ao longo do século XX a umbanda vem lutando por aceitação social e que as décadas de 1970 e 1980 foram de extrema importância para a aceitação social destas práticas. Não cabe neste trabalho discutir a ação da igreja universal na década de 1990, como foi referenciado pelo entrevistado, mas sim ressaltar a importância que os meios de comunicação tiveram na visibilidade da religião.

Sader (1988) aponta que as mudanças ocorridas, principalmente a partir dos anos de 1970, tais como o sonho da casa própria, o acesso a bens de consumo, como a televisão, ou a própria linguagem da televisão, por exemplo, carregam significados culturais instituídos onde os movimentos sociais tratam de reelaborar.

Voltando a discussão sobre a umbanda, religião de Mãe Malvina, sabe-se também que dificilmente uma notícia como esta seria colocada nos jornais do início do

²⁴Parte de uma entrevista com Pai Giovani da Tenda Espírita Caboclo Cabo Verde do documentário **Ilha dos Orixás**. Realizado pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Autores: Alexandra Alencar, Bruno Moreschi, Maycon Oliveira, Renan Xavier e Wilian Vieira, 2004.

século XX, por exemplo. Ou seja, o reconhecimento social destas práticas religiosas foi uma conquista que percorreu todo o século XX e mesmo nos dias de hoje, muitos preconceitos e estigmas sociais estão presentes no cotidiano destes sujeitos.

Mas vimos também, que no período que engloba os anos 70 e 80 do último século, sambas que englobam temáticas sobre a religiosidade afro-brasileira começam a aparecer nas televisões, nas rádios, ou seja, nos meios de comunicação de massa. Pode-se dizer então que este fenômeno teve influencia na visibilidade dessas religiões no Brasil. Mas vimos e vamos perceber mais adiante, que algumas notícias de jornais em Florianópolis começam a abrir espaço para a temática com algumas notícias divulgando festas promovidas pelos terreiros de umbanda. Mas o que nos chamou a atenção nestas notícias não foi somente o espaço que fora dado a esta temática, mas o destaque dado a Mãe Malvina.

Em seu trabalho “A morte branca do feiticeiro negro” (1988), Renato Ortiz dedica um capítulo para problematizar como ocorreu o que ele chama de o processo de “legitimação” e “integração” da religião ao longo do tempo, assim como as diversas formas de manifestações sociais de resistência, sob diferentes formas. Uma destas manifestações seria a maneira com que a religião se apropria dos valores dominantes da sociedade global.

Porém, para o autor a umbanda se apodera dos valores socialmente legítimos, “para se impor numa sociedade que lhe foi hostil desde seu nascimento”. (ORTIZ, 1988, p. 195). A obra de Ortiz é de extrema importância e contribuição para compreendermos o universo da religião no país, porém preferimos pensar que não é somente a umbanda que se apodera dos valores socialmente legítimos, mas a sociedade brasileira também incorpora elementos destas práticas em determinados momentos históricos.

As estratégias para a sobrevivência e aceitação são diversas, e dependendo do momento histórico estas estratégias mudam e são reelaboradas. No caso das religiões afro-brasileiras em Florianópolis, segundo Tramonte, baseada em suas entrevistas, a repressão policial era constante até meados dos anos de 1970. A autora diz que a presença de militares entre os adeptos da religião ao longo do tempo, combinados com a transformação da opinião pública foram fatores determinantes para sua melhor aceitação. Segundo a autora:

(...) o povo-de-santo do Estado de Santa Catarina terá especial dificuldade em organizar-se e expressar seus credos e, enquanto em outras regiões do Brasil a repressão arrefecia, em território catarinense parecia manter sua intensidade até os anos 70, como examinaremos adiante.

O filho de Mãe Malvina, Osmar Vidal Rita, ogã do terreiro, informa que, com o passar do tempo sua mãe foi conquistando o respeito da população e compreendendo que “ali só se fazia o bem”, o que teria minimizado a perseguição ao terreiro. Mas segundo sua filha, Juraci, a repressão teria cessado por um fato familiar bastante particular: “Até que veio meu padraсто que era da Marinha, depois ele entrou para a polícia, então melhorou tudo, porque aí a polícia já fazia parte daquele grupo.” (TRAMONTE, 2001, p. 55)

Vimos então que desde seu surgimento, até os dias atuais a umbanda enfrenta dificuldades de legitimação perante a sociedade brasileira e também em Florianópolis, porém a sua existência, assim como a disseminação de terreiros de umbanda e candomblé em Florianópolis é um fenômeno inegável, mas porque e como Mãe Malvina passa a ser um marco para a religião na cidade? Alguns elementos na fala de seus filhos²⁵ são extremamente interessantes para pensarmos a questão da construção da memória de Mãe Malvina, a primeira delas é a fala de seu filho que diz que aos poucos as pessoas foram percebendo que seu trabalho era do bem, ou seja, a ideia de que as pessoas superaram os seus preconceitos com o passar do tempo e que com isso, Mãe Malvina fora ganhado respeito.

Outro elemento importante é a questão de ter um policial pertencente à família, portanto a ideia de um protetor, ou seja, com esse dado, a figura do policial, que antes era a que reprimia, passa a ser a figura protetora, por estar incluído naquele grupo. Percebe-se a partir dessas falas que vários elementos irão surgir independente da memória coletiva de Mãe Malvina. Se pensarmos, portanto na discussão que Halbwachs (2006) faz sobre memória individual e coletiva, perceberemos que as mesmas se chocam nessas falas. Vemos, portanto, principalmente na fala de seu filho, que o mesmo apóia-se na ideia da memória coletiva que se tem sobre Mãe Malvina, de que a mesma fazia o bem e passa a ser, não só aceita, mas respeitada. Sobre esta questão o autor aponta:

²⁵Provavelmente estas entrevistas foram feitas pela autora para a realização de seu trabalho, porém na página que foram citadas Tramonte não informa a data das mesmas.

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas lacunas, pode se apoiar na mesma memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. (HALBWACHS, 2006, p. 71)

Percebe-se na fala de seu filho que alguns elementos que vimos nos discursos sobre Mãe Malvina se fazem presente. Mas se pensarmos na fala de Juraci é possível encontrar um elemento que até então não é comum em vários dos discursos analisados sobre Mãe Malvina, a questão de seu padrasto policial, e que para ela a presença do mesmo em sua família teria ajudado na questão das perseguições. Tramonte, no decorrer de sua tese, irá abordar a questão da perseguição policial e também aceitação dos mesmos ao longo do tempo, assim como as estratégias do povo-de-santo para esquivar-se destas perseguições.

Porém neste momento é importante percebermos o quanto a memória coletiva se interpenetra na memória individual e vice e versa, onde veremos no capítulo a seguir que vários discursos se repetem, outros apresentam diferentes versões e grande parte deles guiam-se por um fio condutor que é a memória coletiva construída sobre Mãe Malvina.

2-Histórias contadas: Relatos sobre a Mãe Malvina

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (Maurice Halbwachs)

Nossas histórias contadas estão divididas entre notícias de jornais, trabalhos acadêmicos e entrevistas realizadas em diferentes momentos históricos. Os trabalhos acadêmicos recortam a primeira década do século XXI, as notícias de jornais estão situadas nos anos da década de 1970 e 1980, já parte das entrevistas serão do ano de 2010 e as outras falas serão retiradas das notícias de jornais e dos trabalhos que utilizaremos como análise.

Sabe-se, portanto, que as questões a serem analisadas a seguir não são acerca de um passado que fora reconstituído por uma narrativa histórica, mas sim a presença de uma memória coletiva, que fora sendo cristalizada ao longo dos anos por integrantes da umbanda, divulgada pelas notícias de jornais e legitimadas por trabalhos acadêmicos. Porém esta memória, por assim dizer, tem um significado na construção de um ser coletivo para o povo-de-santo.

Neste caso, o que vamos tratar a seguir não deve ser julgado por uma veracidade histórica ou não, mas sim, devemos nos ater as questões acerca da construção da memória, pois mesmo que memória e história sejam coisas distintas, a memória é no sentido básico do termo a presença do passado (RUSSO, 2006, p.94). E, portanto interessa ao historiador.

Nosso primeiro recorte temporal remete aos anos de 1970, quando reportagens sobre a umbanda na região começam a aparecer. Todas foram retiradas do jornal *O Estado*, onde as notícias desse período fazem referências a grandes festas produzidas pela umbanda, e Mãe Malvina aparece como a pioneira e mais importante Mãe de Santo da região.

Já nosso segundo recorte temporal é dos anos de 1980, onde as notícias continuam a divulgar festas e a figura de Mãe Malvina fica mais em evidência, sua trajetória passa a ser narrada, são mencionados os anos que estaria atuando pela religião, assim como entrevistas com a própria Mãe Malvina são realizadas. No ano de 1988, nossa personagem vem a falecer, e a notícia do ocorrido vira capa do jornal *O Estado*. Mas a memória sobre sua importância já deixara suas marcas na história.

Nos voltemos então ao século XXI, onde mais de dez anos após a sua morte Cristiana Tramonte apresentou sua tese no ano de 2001, já citada diversas vezes nesse escrito. Desde então seu trabalho passa a ser referência e a partir de entrevistas e análises de jornais, e entrevistas realizadas pelos próprios jornais, Tramonte reafirma essa memória de pioneirismo de Mãe Malvina. Seu trabalho é até os dias de hoje referência para os estudos acerca da temática sobre a umbanda na região. Pois reúne uma grande diversidade de fontes.

Veremos que alguns trabalhos posteriores e alguns de nossos entrevistados já nos anos de 2010, continuarão reafirmando esta memória, como se a mesma já estivesse pronta e precisasse ser lembrada cada vez que alguém perguntasse. Mas veremos que com o tempo ocorre uma grande disseminação de terreiros de umbanda em Florianópolis, o que impossibilitou que o Projeto de Patrimônio Cultural, citado no primeiro capítulo, de mapeá-los. E o que se vê hoje em Florianópolis é um cenário diferente para as religiões afro-brasileiras do que nos anos de 1970. E mesmo assim, se esta memória ainda é contada, reafirmada nos trabalhos acadêmicos, como ela aparece e o que muda ao longo do tempo? É o que o que vamos procurar responder nas linhas seguintes.

2.1 – Intelectuais e Periódicos: o que têm a dizer sobre a Mãe Malvina?

“A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva” (...)

(Maurice Halbwachs)

Sabe-se que um historiador precisa problematizar e falar de suas fontes. Neste caso, as fontes em questão serão reportagens de jornais, das décadas de 1970 e 1980. Ambos são notícias que falam sobre a Mãe Malvina e sobre a umbanda na cidade de Florianópolis, porém como nossas fontes não são meras ilustrações, ou traduzem a verdade sobre determinado período, é importante que falemos um pouco de sua história e de como vamos utilizá-las.

Para trabalhar com os periódicos, escolhemos o texto de Tania Regina de Luca (2008) “História dos, nos e por meio dos periódicos”, pois a autora faz um apanhado geral sobre a história “da” imprensa, e também como a mesma começa a ser utilizada pelos historiados através de uma história “por meio da” imprensa.

Em primeiro lugar a autora faz um apanhado sobre as inquietações teórico metodológicas da história como ciência ao longo do século XX, chegando até o que chamamos de “História do Tempo Presente” e que lugar a história teria reservado aos periódicos. Neste momento esta discussão não nos interessa, mas seus questionamentos posteriores acerca da própria imprensa, ou seja, o que o historiador deve levar em consideração ao trabalhar com um periódico, muito nos interessa neste momento.

Quando lidamos com a imprensa em geral, algumas questões sempre são postas em pauta, como o caso da neutralidade e objetividade, ou mesmo a distinção entre notícia e interpretação. É de se concordar com Luca quando a autora indaga que estas questões, na verdade, pouco são interessantes para a análise histórica, pois temos em mãos algumas ferramentas que nos possibilitam fazer uma análise do discurso daquele periódico, tentando entendê-lo em seu contexto histórico. Segundo a autora:

Os exemplos alertam para o risco de se adentrar num debate que, apesar de empolgante, pouco colabora para o trabalho efetivo do historiador com suas fontes. Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da “análise do discurso” que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (DE LUCA, 2008, p. 139).

A autora também entende que o pesquisador de jornais e revistas trabalham com o que se tornou notícia, algo que já é bastante complexo para um campo de análise, pois é preciso entender, nesse sentido, quais motivações existiram para a publicação de algo. Porém é preciso levar em conta não só o acontecimento e a publicação em si, mas qual destaque foi destinado à mesma, pois as notícias são colocadas e apresentadas de diferentes maneiras, e uma notícia transmitida em meia página nas últimas folhas do jornal, é diferente de uma manchete ou uma notícia destacada na primeira página.

Nesse sentido, entendendo que os impressos de jornais são fontes importantes para o historiador, estaremos atentos neste trabalho, de acordo com a análise feita, em trabalhar com os tipos de discursos impressos que são permeados em torno da umbanda e da figura de Mãe Malvina.

Foram escolhidas cinco notícias de jornais²⁶, a primeira delas é do dia 30 de dezembro de 1978, jornal *O Estado*. A mesma refere-se à festa de Iemanjá que aconteceria no dia 31 de dezembro, virada do ano. A notícia anuncia a festa chamando a população para prestigiá-la: “Os que comparecem à praia de Canasvieiras terão a oportunidade de ver um espetáculo de rara beleza, que contará com a presença de todos os centros de umbanda de Florianópolis.”²⁷. Ao falar sobre a umbanda em Florianópolis, apresenta o centro de Mãe Malvina como sendo o maior terreiro da região, referindo-se a mesma como D. Malvina, a reportagem é narrada a partir de uma entrevista feita com Mãe Malvina.

Segundo Tramonte (2010), o processo de consolidação das religiões afro-brasileiras em Florianópolis se dá a partir da atuação de Mãe Malvina, apropriando-se das festas e do sincretismo para afirmar-se no espaço cultural. O recorte temporal utilizado pela autora é a década de 1970, mesmo momento histórico da reportagem descrita no parágrafo acima. A autora neste artigo faz uma interessante análise da atuação das religiões afro-brasileiras na cidade, no período que chamamos de autoritário, já que se trata de um momento onde o Brasil estava sob regime militar. No entanto podemos observar que a autora reafirma esta memória, onde Mãe Malvina é vista como “pioneira e principal liderança da umbanda local.” (TRAMONTE, 2010, pg. 240)

A segunda notícia é do dia 26 de setembro de 1981, jornal *A Notícia*, onde na página cinco encontra-se uma pequena nota abaixo do canto direito, com o seguinte título “Reunião de Umbandistas”. Trata-se de uma pequena reportagem que se refere ao 1º Encontro Regional de Umbanda Catarinense. O encontro aconteceu na cidade de Joinville e entre as autoridades religiosas que estariam presentes o jornal cita Moab Caldas, do Rio Grande do Sul e Otávio Carlos de Oliveira, na época, presidente da União Joinvilense de Umbanda. A reportagem dá a sua versão sobre a história da umbanda, fala também da possível presença do então na época, atual governador, Jorge Bornhausen.

Nota-se nesta reportagem que Mãe Malvina não fora citada, onde podemos perceber uma mudança no discurso, que por sua vez tende a focar na cidade de Joinville.

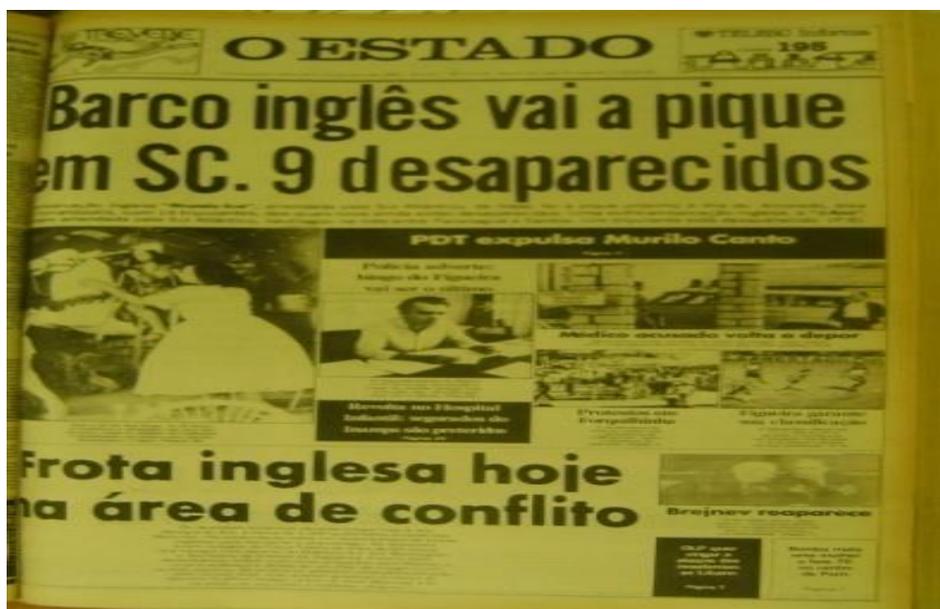
²⁶ Estas notícias podem ser encontradas na tese de Cristiana Tramonte. Porém optamos por analisá-las no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

²⁷ Jornal “*O Estado*”, 30 dezembro de 1978 p. 16

O que nos faz pensar que esta memória que ao longo dos anos procura ressaltar a importância da Mãe de Santo pode estar circunscrita a cidade de Florianópolis.

A terceira notícia é do dia 23 de abril de 1982, jornal *O Estado*, e também pretende, assim como na primeira reportagem citada anunciar uma festa, porém desta vez seria a festa em homenagem ao dia de Ogum. A reportagem ora refere-se a Ogum, ora refere-se a São Jorge, pois o santo ao qual estamos nos referindo carrega ambos os nomes. A chamada para a reportagem encontra-se na capa do jornal, no meio esquerdo, onde aparece uma foto da imagem do santo, junto a uma mulher que parece ser Mãe Malvina, porém a notícia não nos dá esta informação:

Figura 1 – Recorte da Capa



Fonte: Jornal O Estado - 23 de abril de 1982²⁸.

A foto fora recortada no intuito de mostrar o quando a notícia está em destaque no jornal. Veja que o anuncio é praticamente feito pela foto supracitada e que somente abaixo da mesma em letras relativamente pequenas é que encontramos a frase “Hoje é dia de São Jorge. As 22 horas os tambores e atabaques vão soar nos terreiros, onde os adeptos a Umbanda e Quimbanda vão dançar para prestar homenagem a Ogum”.

Já na página trinta, onde se encontra a reportagem, o título acima da foto que aparece antes do corpo do texto diz “terreiros em festa: é hoje ‘dia de Ogum’”. A reportagem em si fala da festa, dos preparativos, e também é baseada em entrevista com

²⁸Foto que anuncia a reportagem e aparece no lado esquerdo da capa.

Mãe Malvina. As pessoas também são chamadas para prestigiar a festa, sendo umbandistas ou não. E em quase uma página de reportagem, no meio do texto, começa-se a falar de Mãe Malvina, porém não se fala que a mesma fora pioneira e que seu terreiro seria o principal. Mais alguns elementos no texto destacam sua importância:

Malvina, uma senhora de cor, de 72 anos e desde os 22 seguindo a religião (ela também já foi católica e adventista). Ela está na Capital do Estado desde 1942 e diz que no começo “sofri muito porque aqui as pessoas não estavam acostumadas com isso, que é comum do Rio de Janeiro para cima, principalmente. Ao que tudo indica, ela também está preocupada com a imagem que projetam (...)”(O Estado, 23 de abril de 1982, p. 30)

Vimos pela reportagem acima, que a informação descrita não é a mesma apresentada por Tramonte (2001), segundo a autora Mãe Malvina só começa a sentir sua mediunidade aproximadamente aos trinta anos de idade, o que nos remete aos anos próximos a 1940. Não se sabe ao certo em que dados ambos os textos se baseiam. Mas em sua tese a autora mesmo aponta que sua versão é diferente da versão apresentada pelo jornal citado. O que procuramos apontar aqui é a contradição entre as versões sobre a história da Mãe de Santo.

A quarta notícia, do jornal *O Estado*, do dia 8 de outubro de 1987, dedica praticamente uma página de reportagem sobre Mãe Malvina com o título “Mãe Malvina, 50 anos dedicados ao trabalho de um centro espírita”. A quinta reportagem, do dia 22 de junho de 1988, do jornal *O Estado*, é referente ao falecimento de Mãe Malvina, a notícia está na capa do jornal, e é dedicada uma página sobre a referida notícia, cujo anúncio da capa é: “Mãe Malvina morre e deixa a Umbanda de luto”. Na própria capa, abaixo da foto que ilustra seu velório encontra-se um pequeno texto noticiando o ocorrido. Já a reportagem, na página nove, além de relatar o ocorrido, procura ressaltar os anos de luta que a Mãe de Santo dedicara a religião.

Ambas têm como principal foco mostrar a importância de Mãe Malvina para a umbanda em Florianópolis, embora a uma delas esteja ligada ao seu falecimento. Porém o que nos chamou a atenção ao analisar estas notícias é o título de ambas, onde na reportagem de 1987: “Mãe Malvina, 50 anos dedicados ao trabalho de um centro espírita” e na reportagem de 1988: “Morre Mãe Malvina e termina a luta de 43 anos pela Umbanda”.

Estas notícias de jornais não são meras ilustrações de nosso trabalho, portanto apenas pelo título das duas últimas podemos levantar diferentes questões, a primeira delas é a utilização do termo “centro espírita” na primeira e “umbanda” na segunda. A segunda questão é em relação ao descompasso de ordem temporal. Onde em uma das reportagens nos é dito que Mãe Malvina teria se dedicado cinquenta anos a religião e na outra quarenta e três anos. Não nos é interessante neste trabalho procurar as inverdades nestes discursos, porém é interessante observar e analisar as contradições existentes. Importa notar que ambas positivam a participação de Malvina destacando décadas de atuação e dedicação à religiosidade. As duas notícias valorizam essa trajetória e contribuem para a afirmação da memória coletiva de Mãe Malvina como a primeira e mais importante mãe de santo de Florianópolis.

Podemos pensar que a utilização do termo “centro espírita” na primeira reportagem poderia ter sido utilizado como forma de aproximar-se do leitor de classe média, já que a umbanda durante muito tempo fora estigmatizada e perseguida e muitas vezes confundida com feitiçaria e, além disso, tem origem nas camadas populares.

E a outra questão interessante é sobre as histórias relatadas sobre a vida de Mãe Malvina, vimos que as versões sobre sua origem na umbanda são muito parecidas e possuem marcos históricos semelhantes, porém algumas delas se contradizem. Até agora, foram apresentadas a versão de Cristiane Tramonte, de sua filha Juraci, de nossa entrevistada “E” e agora falaremos um pouco sobre as versões apresentadas nas notícias supracitadas. A notícia de 1987 aponta que:

Mãe de Santo de um dos centros de umbanda mais freqüentados do estado, a ex operária, Malvina Ciroso de Barros, 76 anos, batizada na Igreja Católica, viúva, quatro filhos e nove netos, já dedica 50 anos de vida a este trabalho com a religião. Aos 20 anos foi iniciada na umbanda porque sofria de ataques epiléticos, na realidade originários de sua sensível mediunidade. (Jornal O Estado, 08 de outubro de 1987)

Vimos então através de Tramonte que Mãe Malvina, com o apoio do marido, decide ir ao Rio de Janeiro, para desenvolver-se²⁹ no ano de 1941, sendo no Rio de Janeiro o lugar onde a Mãe de Santo recebera as entidades que a acompanhariam durante 47 anos dedicados a umbanda.³⁰ Já sua filha Juraci conta que ela teria “feito a cabeça” em 1946 na Bahia, dia de Iemanjá e depois teria vindo a Florianópolis. A autora

²⁹A autora utiliza como referência: DC documento de 10-03-1996.

³⁰Ver pág. 16, 17 e 18.

também afirma em nota de rodapé que o DC de 10 de março de 1996 aponta que ela já havia fundado um Centro Espírita na Rua José Candido da Silva, no Balneário em 1945.

Temos também a nossa entrevistada no ano de 2010, E, que fala sobre o Rio de Janeiro e depois nos conta que Mãe Malvina teria “feito cabeça” com Mãe Menininha na Bahia, sem fazer referência a datas. A reportagem de 1988, no entanto, aponta outro dado completamente diferente, dizendo que: “Nascida no Rio de Janeiro, “deitou com o caboclo” (tornou-se mãe-de-santo) há cerca de 55 anos, na Bahia”.

Como já citado Tramonte afirma que “a primeira Mãe de Santo de Florianópolis nasceu em 14 de setembro de 1910 em Itajaí” (TRAMONTE, 2001, p. 52), pode-se observar que a versão da reportagem é diferente, apontando também que ela teria feito sua cabeça há cerca de 55 anos na Bahia, o que nos reme aos anos de 1933, sendo totalmente diferente da versão de que ela teria ido a Bahia em 1946.

Tramonte (2001) já aponta em seu trabalho que sua versão diverge da reportagem de 1987, onde diz que Mãe Malvina teria se iniciado na religião aos vinte anos de idade. Vimos que a reportagem faz referência também a sua experiência com a igreja católica. Porém a contradição, digamos matemática, que mais aparece nos discursos é em relação ao tempo que Mãe Malvina teria dedicado a umbanda. Tramonte aponta que teria sido 47 anos, a reportagem de 1987 fala em 50 anos e a reportagem de 1988 fala em 43 anos. Porém Tramonte utiliza a palavra anos “dedicados”, a reportagem de 1987 fala de trabalhos de um centro espírita, e a reportagem de 1988 fala 43 anos de luta. Aponto essas contradições somente para chamar a atenção que a memória não se firma na exatidão temporal. Sua lógica obedece outras regras. Dessa forma, seus marcos são mais sociais e ritualísticos que cronológicos, ou seja, fala-se da época em que Mãe Malvina viajou para o Rio de Janeiro para aprimorar sua mediunidade, do tempo em que ela fez a cabeça na Bahia, das décadas dedicadas ao sacerdócio. Esses são marcos importantes na construção da memória.

A afirmação dessa memória ganhará foros apoteóticos com as performances festivas do carnaval de 2002, ou seja, passados quatorze anos de sua morte, Mãe Malvina reaparece na passarela e na imprensa catarinense com todo esplendor e glória. Esse é mais um episódio importante na construção da memória social dessa personagem no cenário da história catarinense.

Bate forte bateria, Ogunhê
Faz o povo balançar, odoiá

Avenida é um terreiro
Consulado faz a festa
Com a proteção dos orixás
BIS
Na cultura yorubá, consultando a ifá
Odudua cria o mundo
Sob as ordens de olurum
Senhor de orum e do destino
Do pó com água, a terra
Do fogo a transformação
Ar, essência da vida
Estava firme esse chão
BIS
E o negro aqui chegou
Com a cultura nagô, fez sua dança
Crenças e religiões ele misturou no seu terreiro
Fundando a umbanda para o povo brasileiro
Caô, xangô, iemanjá, odoiá
Orixás das 7 linhas vou saudar
É a avenida transformada num gongá
BIS
Numa trajetória de luz e encanto
Foi a Bahia, ser mãe de santo
Malvina Mãe de paz e amor
Aqui chegam então fundou
O seu terreiro, São Jorge era o padroeiro
Grandes festas para Cosme e Damião
Que lhes davam proteção³¹

O samba enredo citado acima é do ano de 2002 da escola de samba Consulado, localizada no bairro Saco dos Limões em Florianópolis, e produzida pelo carnavalesco J.A. Beirão. Neste ano, a escola tirou em segundo lugar, e a letra da música gerou uma pequena discussão no jornal AN Capital. Porém antes de analisarmos esta polêmica, é importante que analisemos alguns elementos.

Veja que a letra da música faz toda uma trajetória do que teria sido o surgimento da umbanda no Brasil até chegar a Mãe Malvina em Florianópolis, trata-se então de uma homenagem a Mãe de Santo. Três décadas depois dos anos em que Mãe Malvina começara a aparecer nas notícias de jornais, essa memória coletiva aparece na avenida do carnaval em Florianópolis.

Nas primeiras estrofes, encontramos algumas questões da mitologia yorubá, ligadas aos elementos da natureza e que também fazem parte da crença das religiões afro-brasileira, onde tais como, o ar, a água, o fogo, a terra são extremamente importantes para estas como visões de mundo. Por assim dizer, os elementos da

³¹Letra da Consulado do Samba “Mãe Malvina, os Búzios não Mentem Meu Rei”.

natureza tanto para a mitologia yorubá, quanto para a religiões afro-brasileiras são fundamentais.

Logo após, percebe-se que a letra apóia-se na história das religiões afro-brasileiras desde a chegada das populações de origem africana ao Brasil até o que teria sido o surgimento da umbanda; “o negro aqui chegou, com a cultura nagô, fez a sua dança/crenças e religiões ele misturou no seu terreiro/fundando a umbanda para o povo brasileiro”. Nas estrofes a ideia de que a umbanda teria surgido a partir da mistura de várias religiões, mas que sua origem é africana.

Já na última estrofe, aparece Mãe Malvina dando a entender que a mesma teria sido a pioneira, e percebe-se na homenagem alguns elementos já vistos anteriormente, que fazem parte desta memória coletiva sobre a Mãe de Santo, o primeiro deles fala da trajetória, a ideia de que ela teria uma história de luta pela religião, quando a letra fala em “trajetória de luz e encanto”. Nas linhas a seguir a referência de sua ida até a Bahia para tornar-se Mãe de Santo e logo após a fundação de seu terreiro. Percebe-se nesta letra não somente essa memória cristalizada, mas também Mãe Malvina como um símbolo de bondade e amor, a ideia de que a mesma era extremamente querida por todos.

No dia 19 de janeiro de 2002, Walter Pacheco Júnior escreve uma carta ao jornal *AN Capital* no quadro “fala Mané”, onde os leitores podem expressar suas opiniões, cujo título fora “Mãe Ida”. Na carta o mesmo expressa sua opinião sobre uma matéria que o jornal teria publicado e que abordava a homenagem que o samba enredo da escola havia feito a Mãe Malvina. Na carta, Walter Pacheco aponta:

Caro amigo e jornalista: Não pude deixar de com certa tristeza ler a sua coluna a qual tratava do enredo da Escola de Samba Consulado. Apoio a Consulado, sou daqui do Saco dos Limões e entendo que as únicas coisas que não se mudam na vida é a Escola de Samba e o Time de Futebol para o qual torcemos... Mas não podemos deixar de lamentar e criticar erros grassos na elaboração de um enredo, principalmente da nossa escola do coração, pois a elaboração do mesmo deve ser embasada em pesquisas históricas, geográficas, sócio-políticas, etc. Nunca vi uma escola do Rio de Janeiro fazer um enredo de um assunto ligado a um outro bairro, onde tenha outra escola. A Consulado está indo para à avenida com o enredo Mãe Malvina. Diga-se de passagem, todos os méritos e respeitos à figura da Mãe Malvina, só que neste enredo encontramos as seguintes falhas gritantes (...) (AN Capital, 19 de janeiro de 2002)

Posteriormente o autor deste escrito faz uma listagem de seis erros que a escola de samba teria cometido. O primeiro deles é em relação à localidade do terreiro de Mãe Malvina, onde o mesmo está originalmente localizado no Bairro Estreito, ou seja, o autor sente-se aparentemente incomodado com esta situação. Mas é interessante ressaltar que mesmo Mãe Malvina não pertencer àquela comunidade, a mesma fora escolhida como homenageada, onde esta memória coletiva sobre sua pessoa é ressaltada em diversos momentos de nossa história, por motivos diversos. Sobre esta questão o autor coloca que “A Mãe Malvina sempre teve o seu terreiro de umbanda na Coloninha, na Rua Felipe Neves, sempre conhecida e até hoje lembrada como "o morro da Malvina".

Segundo o autor, a escola também teria cometido um erro histórico apontando que Mãe Malvina não era candomblecista, mas sim umbandista e que não teria feito sua cabeça na Bahia. Essa fala é interessante, pois mostra que a memória é elaborada e reelaborada no decorrer do tempo histórico, e que a memória coletiva, ora é legitimada, ora se contradiz. Por exemplo, muitas falas fazem referência a ida de Mãe Malvina a Bahia, uma delas faz referência até a Mãe Menininha, porém nossa personagem em questão contradiz esta memória.

Na terceira questão levantada o autor faz referência a Mãe Ida, que é uma importante Mãe de Santo para a vertente de Almas e Angola. Segundo o mesmo, Mãe Ida, que é do Bairro do Saco dos Limões, comandara o terreiro de umbanda mais famoso de Santa Catarina, onde a mesma destacou-se por ser uma espécie de liderança no bairro a mais de cinquenta anos, tanto no aspecto religioso, como no aspecto social. Segundo o autor:

Inúmeros foram os conterrâneos do bairro do Saco dos Limões que foram "aparados" pela Mãe Ida, que também era uma das duas mais famosas parteiras da região. Dona de terras, viúva do saudoso Jornalista Narbal Villela, povoou o morro do Saco dos Limões quando resolveu lotear suas terras. Povo este que é o baluarte comunitário da Consulado. É a comunidade. (AN Capital, 19 de janeiro de 2002)

O que prevalece nesta memória é um contraponto de que a Mãe Malvina teria sido a mais importante Mãe de Santo. Veja que o autor, logo no início de seu texto não nega a importância de Mãe Malvina, mas neste caso outra memória entra em questão, que seria a memória sobre Mãe Ida. O que se aplica a esta memória, também aplica-se ao espaço, pois nossa personagem em questão mostra um sentimento de pertencimento

ao seu bairro, a história de seu bairro e portanto a história de figuras importantes para aquele lugar. Veja que ele procura ressaltar a história de Mãe Ida, fala de seu trabalho como parteira, de seu marido, entre outras questões.

No quarto ponto, Walter Pacheco diz que Mãe Ida ainda está viva, lembrando que estamos falando do ano de 2002, pois a mesma veio a falecer no ano de 2005. O autor aponta, que em 2002, a Mãe de Santo não estaria mais atuando como dirigente espiritual devido sua idade avançada, mas que seu filhos e filhas de santo teriam recebido o bastão. Deduzimos através desta fala que Walter Pacheco, possivelmente estaria reivindicando uma homenagem a Mãe Ida, pelo fato da mesma ainda estar viva e também devido a sua importância como líder espiritual da comunidade do Saco dos Limões.

Nos parágrafos abaixo no quinto e no sexto erro apontados, o autor se dedica a falar de Mãe Ida, respectivamente abordando que a mesma teria trazido para o sul do Brasil a linha espiritual afro-brasileira conhecida como Almas e Angola e que a maneira como a escola de samba teria conduzido seu samba enredo fez com que Mãe Ida se tornasse um enclave estranho à comunidade. Nessas falas, encontra-se um deslocamento espacial onde o autor diz que é o terreiro de Mãe Ida o mais famoso de Santa Catarina.

Creio que a partir desta notícia cabe uma pequena reflexão sobre a vertente de Almas e Angola na cidade de Florianópolis. Tiago Linhares Weber (2011) em seu texto “O Ritual de Almas e Angola: Do início aos novos paradigmas” procura contar um pouco da história deste ritual, e quando fala sobre o surgimento das religiões afro-brasileiras na região, o autor aponta que a umbanda fora à pioneira abrindo caminho para que outras religiões e rituais chegassem. Weber ao citar a importância de Mãe Malvina é mais cuidadoso em relação ao discurso de pioneirismo, aponta que o Centro Espírita São Jorge, centro de Mãe Malvina teria destacado-se devido a importância e visibilidade que adquire, segundo o autor; “A Umbanda apareceu em Florianópolis durante a década de 1940. É difícil precisar qual foi o primeiro terreiro de Umbanda da cidade, porém um dos pioneiros se destaca, pela visibilidade e importância que adquiriu, este é o Centro Espírita São Jorge da mãe-de-santo Malvina Ayroso de Barros” (WEBER, 2011, p. 3).

O discurso do autor neste caso é diferente daquele que aponta Mãe Malvina como a pioneira e mais importante, veja que o mesmo diz “um dos pioneiros”, dando a entender que outros terreiros podem ter sido tão importantes quanto, mas destaca que a

visibilidade e importância adquirida pelo terreiro de Mãe Malvina o teria destacado como pioneiro.

O ritual Almas e Angola³², segundo o autor fora trazido para a cidade de Florianópolis por Guilhermina Barcelos, mais conhecida como Mãe Ida, a mesma teria ido ao Rio de Janeiro em busca de fundamentos para reestruturar seu terreiro onde já praticava a umbanda tradicional. Buscando seus ensinamentos com Luiz D'Ângelo, é iniciada no Ritual de Almas e Angola no ano de 1949 e em 30 de setembro de 1951 inaugura seu terreiro Centro Espírita São Jerônimo, no bairro Saco dos Limões. Como podemos ver pelas datas, Mãe Ida teria trazido o ritual de Almas e Angola aproximadamente no mesmo período que Mãe Malvina fundara seu terreiro, em 1947, registrado oficialmente em 1953, mas a visibilidade que Mãe Malvina deu a umbanda através da mídia é inegável.

Percebemos também, que outra Mãe de Santo atuaria no mesmo momento histórico citado acima. Nossa entrevistada no ano de 2010, Mãe Kátia, na época presidente da ATUAA (Associação dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola do Brasil) nos contou como sua avó teria se iniciado na umbanda:

K. Aham. Então, o terreiro era da minha vó que chamava-se inicialmente Cardecista Irmão Otaviano Ribeiro. Com a vinda, entre 1948 – 1949 mais ou menos, com o índio pena dourada ele se tornou o Centro de Umbanda e Caboclo Turi. Minha avó depois passou por uma situação de saúde e eles mativeram um pouco as portas fechadas a nível de ritualística, só fazendo prática de caridade permanente, mas não faziam os batuques. Ficaram assim uns quase 10 anos quando minha mãe se aposentou, nisso a minha avó faleceu e minha mãe pegou lá da Ponta do Leal, da praia do Balneário ali e trouxe para a Praia da Tapera, onde é até hoje. Ela também começou na Praia da Tapera só nessa questão da caridade, atendendo a comunidade ali; muito carente inclusive espiritualmente e de forças também de carência material. Ali trabalhou bastante esse lado social com o grupo, ela era professora então isso também tem um acesso fácil com comunidade. Em 84 ela fundou dentro da ritualística que a gente tocou até agora, e tocamos até agora que é de Almas de Angola. A minha avó tocava Sete Linhas e minha mãe foi pra Almas de Angola.

³² Segundo Weber: “O Ritual de Almas e Angola é a união de práticas tradicionais de Umbanda e práticas africanistas. O termo A palavra Almas faz referência às entidades, espíritos de negros e índios que já estiveram na terra e agora incorporam nos médiuns, uma referência a ancestralidade africana; a palavra Angola, faz alusão ao culto dos Orixás, deuses africanos que representam os elementos da natureza (...)Mesmo tendo sido criado no Rio de Janeiro, foi no estado de Santa Catarina, mais especificamente na Grande Florianópolis, que o Ritual de Almas e Angola se estabeleceu e se difundiu. Hoje extinto no Rio de Janeiro. é o ritual afro-brasileiro que mais cresce e que tem maior número de casas no estado de Santa Catarina, sendo também esse o único local em que hoje se pratica.” (WEBER, 2011, p. 4).

Vimos através da fala de Kátia e do texto de Weber que outras Mães de Santo teriam iniciado suas atividades religiosas no mesmo momento de Mãe Malvina. Então aos poucos fomos percebendo, através das notícias de jornais, que essa memória coletiva sobre Mãe Malvina é, de certa forma, o que dá visibilidade à umbanda a partir dos anos de 1970. Tratando-se de uma visibilidade que positivava a religião, mostrando suas festas e convidando a cidade para participar das mesmas.

É através dessa imagem de Mãe Malvina como a pioneira e mais importante Mãe de Santo que a carta escrita por Walter Pacheco para o *AN Capital* recebe uma resposta, na sexta-feira do dia 25 de janeiro de 2002³³. Logicamente a carta de resposta fora escrita com o intuito de justificar a existência do samba enredo, e ao mesmo tempo defender-se das críticas feitas apresentando seus argumentos.

Quem deu a resposta à carta de Walter Pacheco, foram os autores do samba enredo, denominando-se de Duda e Beirão, no início do texto, ambos justificam sua resposta já apresentando o argumento de que o samba enredo fora muito bem aceito pela comunidade consulense³⁴. Os argumentos a seguir apontam que Walter Pacheco teria sido preconceituoso e que seus escritos mostram um desconhecimento em relação ao samba e à história.

Duda e Beirão também apresentam diversos argumentos que legitimam sua defesa em relação ao samba criado. O primeiro argumento apresentado é em relação à localidade da escola de samba e que a mesma teria a liberdade de falar de figuras importantes, mesmo Mãe Malvina não sendo do Saco dos Limões. Segundo a fala:

Criticar-nos por homenagearmos uma figura notória e pública como Mãe Malvina, só porque a mesma morou no bairro Coloninha onde há uma outra escola de samba é de um bairrismo insuportável. A Coloninha, uma grande entidade de maravilhosos espetáculos é companheira e parceira do Consulado não inimiga. (AN Capital, 25 de janeiro de 2002)

Vemos que no início da fala, Mãe Malvina é apresentada como uma figura notória e pública, o que é de fato, e que, portanto, segundo os autores do samba, merece ser homenageada mesmo tendo morado no bairro da escola de samba Coloninha, bairro da Coloninha, como é chamado.

³³A resposta completa pode ser encontrada no site: <http://www1.an.com.br/ancapital/2002/jan/25/1fal.htm>

³⁴Como são chamados os torcedores e membros da escola de samba Consulado.

Essas falas que vimos até agora são materializadas ao longo da história e em determinado momento, a partir principalmente dos anos de 1970 tornam-se públicas e materializadas, vejam que os narradores dessa memória são pessoas gabaritadas, desde os praticantes da umbanda, até jornalistas e intelectuais. São memórias que nem sempre são vividas por quem as conta, mas que se fundamenta no discurso já cristalizado.

Pode-se perceber essas questões se observarmos com atenção as linhas que seguem os argumentos do texto resposta a Walter Pacheco, os carnavalescos montam um texto de modo a combater os diversos argumentos utilizados no texto “Mãe Ida”. Afirmam que na letra nunca disseram que a mesma teria vindo do candomblé, mas sim que teria sido a precursora da umbanda em Santa Catarina. E nas linhas a seguir afirmam que a informação de que Mãe Malvina teria ido à Bahia fora baseada numa “fonte viva da História”:

A afirmação de que Mãe Malvina tornou-se Mãe dos Santos na Bahia é da sra. Juraci Airoso, filha consangüínea de Mãe Malvina, a quem tivemos o prazer de visitá-la em Itajaí, e buscar na fonte viva a História de Luz e Paz de Mãe Malvina. A mesma afirmação encontramos em entrevistas cedidas, em vida, por Mãe Malvina a diversos jornais e emissoras de tevês, portanto sr. Walter, não cometemos um erro histórico como afirma Vossa Senhoria, mais uma vez o erro foi seu. (AN Capital, 25 de janeiro de 2002)

Veja que esta memória, dos jornais, e entrevistas, que foram discutidas anteriormente torna-se pública e legítima, ou seja, mesmo que esta memória tenha sido construída baseada na experiência de Mãe Malvina, suas emoções, vivências e trajetória, ela torna-se quase que um discurso oficial, provavelmente diferente das memórias individuais de quem viveu mais próximo de Mãe Malvina.

Mãe Malvina se torna uma figura importante em várias comunidades de Florianópolis, sabe-se de sua importância dentro da umbanda na cidade até os dias de hoje, e pode-se perceber nas entrevistas sua relação afetiva com os integrantes mais antigos da religião, essa relação provavelmente é transmitida de acordo com a lógica hierárquica da própria religião, onde o pai ou mãe de santo conta para seu filho de santo que conta para outros que estão iniciando e assim sucessivamente. Porém num determinado período histórico algumas notícias de jornais fazem usos dessa memória.

Quando os intelectuais de hoje, refiro-me “hoje” século XXI, aventuram-se a escrever sobre as religiões afro-brasileiras em Florianópolis, especificamente a umbanda é difícil não citarem a figura de Mãe Malvina como pioneira da religião na cidade.

Porém sabe-se que esta memória não se deu somente pelo e entre o povo de santo, parece que temos um intercruzamento entre o paradoxo citado acima, temos a memória dos praticantes da umbanda, onde historicamente Mãe Malvina se torna muito importante para estas pessoas, de maneira, podemos dizer, afetiva, através de laços de sociabilidade. E uma memória onde os periódicos e intelectuais apropriam-se do que a Mãe Malvina representa para o povo de santo apontando-a como a pioneira da religião em Florianópolis.

Mas por que, em meados dos anos de 1970 a umbanda e Mãe Malvina começam a aparecer nos jornais? Sobre este assunto, Tramonte (2001) faz uma pequena discussão a ser pensada. Segundo a autora, o falecimento de Mãe Malvina em 1988 representou um marco na história das religiões afro-brasileiras em Florianópolis, pois não se pode ignorar sua ligação com políticos tradicionais locais, desde a fundação de seu terreiro, até a sua morte.

Tramonte aponta que a partir desta data as religiões afro-brasileiras decrescem em importância como referencial para os meios de comunicação e opinião pública em geral. Mas segundo a autora, não se trata apenas de uma ligação de interesses de políticos oportunistas, mas sim de uma questão complexa que merece ser avaliada de vários ângulos.

Segundo a autora³⁵ a ligação de Mãe Malvina com o político Esperidião Amin, por exemplo, vinha das relações de vizinhança e amizade pessoal. Mas Tramonte aponta que “esta relação, evidentemente, foi potencializada e capitalizada pelo político Amin a seu favor quando se candidatou a pleitos eleitorais” (TRAMONTE, 2001, p. 281). O centro espírita de Mãe Malvina homenageia o político com uma placa com a seguinte frase “reconhecimento pelas suas relevantes ajudas prestadas”, a mesma estaria acompanhada de uma foto do ex-governador. Porém, do ponto de vista do povo-de-santo, a visibilidade de autoridades se fazia importante devido ao próprio histórico de perseguição da religião, além de garantir proteção e prestígio às atividades do Centro Espírita e seus frequentadores³⁶.

³⁵ A autora retira esses dados baseados em uma entrevista feita com Mãe Cristina. Segundo a autora a entrevista fora realizada para a pesquisa de sua tese. Aponta neste caso, que Mãe Cristina também teria relações próximas com o político.

³⁶ A autora aponta em nota de rodapé que: “Além da presença dos políticos tradicionais e demais segmentos da sociedade civil no Centro, a auto-estima também é forjada no enfrentamento da repressão física e simbólica sofrida Mãe Malvina nos primórdios da instalação do Centro Espírita.” Dando a idéia de que não foram somente a relação com os políticos que deu visibilidade a religião, mas sua história de luta por aceitação social.

Se pensarmos então na construção da memória coletiva sobre Mãe Malvina, podemos dizer que esses laços podem ter ajudado a dar visibilidade a umbanda e a Mãe de Santo nos meios de comunicação a partir dos anos de 1970. Com esta visibilidade, devido à importância de seu terreiro, entra a memória de que Mãe Malvina seria a mais importante e pioneira da umbanda em Florianópolis.

É sabido então das relações sociais de Mãe Malvina, mas dizer que somente estas relações teriam ajudado na construção desta memória coletiva é apenas especulação. Pois sabe-se que essa memória também é fundamentada em experiências e emoções vividas, pois esta não é somente reproduzida pelos jornais, ou a música do carnaval, ou os intelectuais, é também uma memória socialmente dividida pelo povo-de-santo.

2.2 – Depoimentos como fonte para o historiador

Considerando a história oral como uma metodologia comum para os historiadores que recortam suas temáticas na História do Tempo Presente é importante apontar que a análise das mesmas é de grande importância para a realização desta pesquisa. As entrevistas a serem analisadas são de dois momentos históricos, onde o primeiro momento seriam os anos 80 e 70 do século XX o segundo é de entrevistas feitas nos anos de 2010.

Lembrando que História e memória são coisas diferentes. José Carlos Sabe (1996) faz uma análise pontual desta discussão, apontando que as clássicas distinções entre memória e história revelam que a primeira constitui-se de narrativas não assumidas como discurso sistematizado pela criação dos historiadores. História, por sua vez, não é memória, posto que constitui em uma forma de saber, com critério de elaboração.

Tento como referência a discussão de Sabe sobre esta diferença, faremos uma discussão em torno das entrevistas entendendo os entrevistados estarão expondo seus conhecimentos, experiências, sentimentos, ou seja, suas memórias a partir de perguntas e até conversas geradas em torno do cenário da entrevista. Já o papel do historiador nesse sentido, seria de analisar os discursos que estariam presentes nas entrevistas e que permeiam nossa discussão.

É preciso ter em vista que a fonte produzida pela metodologia da história oral assim como as demais está exposta a interpretações e críticas, no caso da história oral lidamos com a memória de pessoas, sendo assim alguns estudiosos como Henry Rousso dizem que esta não pode ser vista como individual, analisando o uso da memória o autor aponta que a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (ROUSSO, 2006, p. 94 apud: SILVA, 2006, p.50)

Acreditamos que este seja o ponto chave na análise das entrevistas, pois vimos que em algumas entrevistas, nos jornais e nos trabalhos acadêmicos o discurso em torno de Mãe Malvina parece ser uma espécie de discurso autorizado, de uma certa maneira já pronto e naturalizado. Mas é interessante apontar também que alguns de nossos entrevistados mostram muita afetividade ao falar de Mãe Malvina, e que a umbanda segue uma lógica de tradição oral e também uma lógica hierárquica dentro das especificidades da religião, por isso nos cabe uma discussão acerca destas questões.

A “tradição oral” é diferente de “história oral”, ou, segundo Julie Cruikshank (2006), são expressões ambíguas. História oral, segundo a autora, é considerada um método de pesquisa, onde se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre as experiências de vida de um determinado sujeito, e que venha a contribuir para a análise histórica. Já a “tradição oral” pode ser um conjunto de bens materiais preservados do passado ou o processo onde informações são transmitidas de uma geração a outra, através da fala, ou histórias.

A autora retoma questões acerca dos estudos sobre tradições orais, pois, como “todas as culturas passaram verbalmente noções essenciais de uma geração a outra” (CRUIKSHANK, 2006, p. 151), existem questões antigas que ressurgem de tempos em tempos acerca desses estudos. Porém contemo-nos com as abordagens atuais acerca dos estudos sobre a “tradição oral”.

No caso desta pesquisa, aparecem algumas vozes que contribuem na construção de uma memória sobre Mãe Malvina ao longo do tempo, porém essas vozes apresentam estruturas e formas diferentes. Uma delas é o depoimento individual de sujeitos, que por sua vez, seguem uma religião considerada de “tradição oral”. Outra são as notícias de jornais, que com o intuito de informar, constrói sua narrativa. E ainda temos o trabalho de intelectuais, que formulam uma narrativa estruturada pela linguagem do discurso acadêmico (CRUIKSHANK, 2006, p. 155).

Três destas vozes são analisadas por Cruikshank, onde, resumindo, a “tradição oral” é uma maneira aberta de transmissão de conhecimento, podendo ser vista como um sistema coerente e aberto. Já a diferença entre a “tradição oral” e a pesquisa acadêmica baseia-se na estrutura em que suas explicações são formuladas, ou seja, não podemos compará-las ou avaliar com precisão a sua veracidade em termos positivistas, já que são estruturadas de formas diferentes.

Os relatos orais contém em si a experiência subjetiva, que por sua vez é reconhecido como uma virtude da história oral, onde os fatos contém, nas histórias de vida, “percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa”. Onde a abordagem do historiador se interessa necessariamente, pela formação das narrativas e pelos meios que estas foram empregadas para influenciar e firmar a memória. (CRUIKSHANK, 2006, p. 156)

No próximo tópico, portanto, nos cabe esta terceira análise, onde buscaremos analisar basicamente os relatos orais, entrecruzando os mesmos com as memórias já analisadas. E procurando compreender, principalmente, a memória sobre Mãe Malvina, contida e construída na fala dos sujeitos, assim como mostrar, como os periódicos e os intelectuais apropriam-se destas falas.

2.3 – As lembranças sobre Mãe Malvina e a construção de uma memória

Não é nada fácil questionar os símbolos, os marcos e as datas que são instituídas pela memória histórica. Isso porque tais datas, heróis, símbolos de uma determinada coletividade são uma criação coletiva que nem sempre é controlada pelos agentes responsáveis por essa criação. (Edgar Salvadori de Decca, 2002)

Muitas falas que analisaremos neste texto são de pessoas próximas de Mãe Malvina, algumas falas são da própria Mãe de Santo, já outras falas são de pessoas não tão próximas e que baseiam-se, muitas vezes, nesta memória coletiva, já cristalizada. E para que possamos compreender melhor essas vozes iremos nos basear no texto de Maurice Halbwachs (2006) “A memória coletiva”, para que possamos compreender mais precisamente quais são os aspectos fundamentais desta memória.

Iniciamos então este escrito no ano de 2010, onde quatro das entrevistas³⁷ aqui analisadas foram feitas no intuito de contribuir para o projeto desenvolvido na disciplina de Prática Curricular Patrimônio Cultural I e II intitulado “Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis”. A pesquisa pretendia apontar a umbanda como Patrimônio Imaterial em Santa Catarina, foi quando algumas falas referentes à Mãe Malvina nos chamaram a atenção do grupo que participou do projeto.

A primeira entrevistada que vamos analisar nos relata algumas diferenças percebidas por ela entre as diversas linhas de umbanda. E o que chama mais a atenção em sua fala, além da tentativa mostrar que a vertente que pratica está mais ligada, segundo ela às raízes africanas, é a maneira com que fala de Mãe Malvina. Sua fala nos chamou tanto a atenção que a mesma foi escolhida para compor algumas discussões do primeiro capítulo. Trata-se de E³⁸ que pratica a Umbanda e Quimbanda.

Percebeu-se também ao longo das entrevistas realizadas que a umbanda possui uma prática coletiva com significados para aquele grupo, seja a prática religiosa até as histórias que possuem um significado coletivo. Vimos que Mãe de Santo de nossa entrevistada fora Filha de Santo de Mãe Malvina, segundo ela, sua Mãe de Santo sempre conta histórias sobre Mãe Malvina por ela ser uma referência:

E: Vocês costumam fazer alguma referência a Malvina, nas conversas, alguns ensinamentos.

E: Ela fala bastante da Mãe dela.

F: Como é que aparece, em que momento?

E: Não aparece em dias de sessões e nem, dia comum ela pega e senta tá todos os filhos juntos e começa a falar da história dela. Os mais velhos têm isso, adoram falaras coisas do passado então, eu pelo menos adoro né ficar atenta ao que ela fala. E ela fala bastante o que a Mãe dela fazia que hoje não é feito mais ou porque ela tem pena de fazer isso com o filho aí ela já corta um pouquinho mas ela sempre fala que era feito.

F: Sempre lembrando da Malvina.

E: Lembrando da Malvina.

³⁷ Estas quatro entrevistas seguiram um roteiro que foi construído com o intuito de responder algumas questões para a realização deste projeto de Patrimônio. A temática central do nosso projeto foi o patrimônio imaterial. A ideia se deu através do contato com a Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura – FCC, situada atualmente no prédio do Centro Integrado de Cultura – CIC – da cidade de Florianópolis. A Diretoria de Preservação foi a instituição escolhida para a realização do estágio curricular, e através dela conhecemos o projeto *Identidade*. Estas entrevistas foram realizadas no período vespertino e noturno, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, assim como as visitas aos terreiros. O acompanhamento de rituais se deu a noite, no horário em que eles frequentemente ocorrem. (GRAÇA; MARTINS; SCHLICKMANN; SILVA, 2010, p. 7) O roteiro, assim como todas as entrevistas podem ser encontradas no projeto supracitado.

³⁸ Ver p. 30.

F: nesses momentos mais de confraternização, fora da gira né.
E: Até as entidades dela fala bastante da Malvina. É uma referência enorme né.

Veja nestas falas que a partir dos questionamentos dos entrevistador, E responde de forma muito espontânea, nos contando uma experiência individual, mas veja que E baseia-se numa prática coletiva vivida pelo grupo ao qual está inserida. Quando E diz “é uma referência enorme né”, pode-se perceber as vozes dissonantes desta memória coletiva sobre Mãe Malvina, mesmo partindo de uma memória individual.

Halbwachs (2006) nos ajuda a entender que a memória individual existe, porém ela nunca está só, pois nunca estamos sós no mundo, ou seja, cada um de nós extraímos memórias de uma variedade de grupos. Neste caso, a memória individual existe, porém a “rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos” (DUVIGNAUD, 2006, p.12).

Na umbanda, mesmo fora do espaço do terreiro, os ensinamentos religiosos e as memórias sobre as pessoas que foram significativas para aquele grupo, se entrecruzam a todo o momento. Vimos que no meio das falas de E sobre os conceitos básicos de sua prática religiosa, volta e meia aparece algum comentário sobre Mãe Malvina, hora induzido pelo entrevistador hora de maneira mais espontânea. Mesmo assim, E nos fala sobre a Mãe de Santo com tanta naturalidade, que é como se fosse algo fácil de ser lembrado, mesmo E não tendo convivido com Mãe Malvina.

É como se esta memória coletiva sobre Mãe Malvina já estivesse em harmonia com a fala de nossos entrevistados, mesmo que não tenham convivido com ela, ou seja, esta memória se materializa nos discursos individuais, mas veja que torna-se coletiva a partir do momento em que se separa do indivíduo, ou seja, neste caso, trata-se além de uma memória dividida, uma memória pública e cristalizada “em suas próprias narrativas e seus narradores gabaritados” (PORTELLI, 2006, p. 126), como podemos perceber no diálogo abaixo:

T: Sim. Você podia falar, lembra que você estava falando com a gente na primeira vez que a gente veio aqui com a Profa. Janice, de como a Mãe Malvina chegou aqui, você podia contar para gente.
E: Bom, isso tem em livros até.
T: Ah, mas a gente quer na sua voz.
E: Mas é quase a mesma coisa.

Aparentemente, nesse diálogo, nossa entrevistada não nos conta nada de suas experiências, e, aparentemente, ainda não nos diz nada sobre Mãe Malvina, mas se observarmos com atenção, veremos esta memória já materializada. Quando E nos diz “bom, isso tem nos livros até”, partimos da ideia de memória pronta, ou seja, esta memória não parte das vivências de nossa entrevistada, mas sim de uma memória já construída e que é coletiva. Vimos portanto que “a memória torna-se coletiva, quando separada do individual” (PORTELLI, 2006, p. 127), como acontece neste caso, como se a história já estivesse escrita, e portanto se ouvíssemos a mesma na fala de E ou nos livros a diferença de narrativa seria mínima. Ou seja, esta memória coletiva, já é uma história para muitas pessoas.

A história, porém, não é todo o passado, ou tudo o que resta dele. “Ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua e se renova através do tempo” (HALBWACHS, 2006, p. 86). Hoje Mãe Malvina já se tornara um marco, a memória sobre ela não depende mais de quem conviveu perto, de parentes, ou das pessoas que praticam a umbanda, a mesma já fora escrita, traduzida nos livros, nas notícias de jornais, e nos trabalhos de intelectuais. Mas não se pode dizer que esta memória é a história de Mãe Malvina, mas apenas parte dela, que fora construída e se aperfeiçoando ao longo do tempo.

Voltemos então ao ano de 1978, onde fora anunciada a “Festa de Iemanjá” no jornal *O Estado*, no dia 30 de dezembro, página 16. A notícia fora destinada a chamar a população para a festa, que fora descrita como um espetáculo de muita beleza. Airton de Oliveira, que na época fora diretor da Diretur, explica na reportagem que o órgão apoia a divulgação do evento citado, porém o mesmo, por se tratar de uma prática religiosa, não entraria no calendário turístico da cidade. Além disso o jornal informou que o órgão ofereceu transporte dos participantes dos respectivos centros até o local, além de ajudar na iluminação da festa que aconteceu na praia de Canasvieiras. O que temos neste caso além da divulgação da festa é a visibilidade dada à religião e desta vez de maneira positiva, sem os estigmas sociais. Nas linhas abaixo que seguem a reportagem, com o texto intitulado “Umbanda” a reportagem fala de Mãe Malvina, do seu centro e de sua referência dentro da religião:

O centro de d. Malvina tem mais de trinta e dois anos de existência, dos quais vinte e nove em sua atual localização. Da rua que passa em frente ao centro, poucos sabem o nome, sendo ela mais conhecida como a “rua do centro de d. Malvina”, assim como a própria elevação

que existe no local é mais conhecida como o “morro de d.Malvina”. Para isso contribuíram não só o tempo de atividade do centro, como também o fato dessa rua ter sido aberta em função dele, a facção e enxada.

D. Malvina acha difícil calcular o número de pessoas que freqüentam o centro. Mas em dias de festa garante que mais de quatrocentas pessoas participam das atividades. Pessoas de todos os grupos sociais ali vão em busca de uma definição espiritual ou para resolverem problemas particulares através dos conselhos e darem força das entidades. (O Estado, 30 de dezembro de 1978, p. 16)

A notícia em questão apresenta uma narrativa diferente da nossa entrevistada E, segundo a própria notícia, Mãe Malvina já era referência para o povo-de-santo, mas veja, que não trata-se apenas de anunciar a festa, esta referência começa a ser mostrada, ou seja, essa memória coletiva começa a se constituir e ser divulgada. Vemos na notícias algumas referências históricas em relação ao tempo de existência do terreiro da Mãe de Santo, além da divulgação de um grande número que já o freqüentaram, no intuito de mostrar que o mesmo teria prestígio social.

No ano de 2012, Clarice Bianchezzi e Cristiana Tramonte escreveram um artigo intitulado “Mulheres líderes umbandistas e católicas no Brasil”. No mesmo, as autoras analisam Mãe Malvina se articula a partir da religião, envolvendo, segundo as autoras, carisma e poder. Logo no início do artigo, encontramos a frase “no terreiro de Mãe Malvina, a mais importante e tradicional yalorixádo estado de Santa Catarina, fundadora do primeiro terreiro de Umbanda aberto ao público nos anos 40 do século XX” (BIANCHEZZI E TRAMONTE, 2012, p.1), narrativa muito parecida com a de nossa entrevistada E no ano de 2010³⁹, mas são nos anos de 1970 que essa memória começa a ser, não só constituída, mas também torna-se pública.

Além disso, o artigo supracitado faz uma interessante análise em relação a festa para o povo-de-santo, neste caso as autoras analisam a festa como tento uma função agregadora da religião no âmbito social, no período que recorta a década de 1970. Para ambas é no espaço das festas que ocorre a estratégia do sincretismo e da ludicidade que foram os dinamizadores dos processos de aproximação, liderança e negociação com diversos setores sociais. Segundo as mesmas “é este carisma articulado à habilidade de negociação e de alargamento das ínfimas brechas que nos interessa compreender no caso de sua liderança absoluta” (BIANCHEZZI E TRAMONTE, 2012, p.1).

³⁹ Ver p. 30.

Vimos no capítulo anterior, dedicado aos periódicos, que parte das notícias analisadas eram destinadas à divulgação de festas e encontros, além das linhas e notícias que dedicavam seus escritos a Mãe Malvina, pode-se perceber que nas décadas de 1970 e 1980, ocorre uma divulgação midiática através dos jornais, das festas da umbanda além da figura de Mãe Malvina, como a pioneira e mais importante Mãe de Santo não só de Florianópolis, mas do Estado de Santa Catarina.

Podemos notar também, através das narrativas até então analisadas, que Mãe Malvina é mostrada e vista de forma carismática, além de ser vista quase como um símbolo local de luta pela umbanda. Ou seja, Mãe Malvina não é somente a pioneira e mais importante, ela representa a luta pela aceitação da religião em Florianópolis, a memória sobre a mesma portanto se faz importante pela própria história de luta por afirmação social que a religião tivera. Veja que até mesmo a localidade onde encontrase o seu terreiro é chamada de “morro de dona Malvina”, o que demonstra sua liderança e importância perante as pessoas daquela localidade.

No ano de 2010 marcamos o encontro com uma Mãe de Santo no terreiro que herdara as práticas ensinadas por Mãe Malvina, porém nossa entrevista fora guiada por outro entrevistado, acreditem ou não, a entidade Pai Matias, como se auto denominou, que estava incorporado na senhora. Fora uma entrevista um tanto diferente das demais, pois o rumo da conversa ficava confuso, pois a narrativa parecia ir e vir a todo momento. Ele nos disse que seguia os preceitos religiosos de Mãe Malvina, mas alguns rituais, não nos disse quais, já não eram mais praticados. Outro ponto levantado pelo entrevistado foi à realização de festas com fins de caridade, e a importância que a beneficência tem para o terreiro.

Voltemos então um pouco mais na história e vamos aos anos de 1971, onde as autoras fazem um interessante recorte de uma notícia desse período do jornal *O Estado*. A reportagem descreve o quão grandioso era o terreiro de Mãe Malvina, segundo a notícia “um dos mais bonitos e bem cuidados de todo o Estado conta com três gongás” (O Estado 15 de maio de 1971).

Essa memória sobre Mãe Malvina então começara a ser narrada e construída na vida pública desde a data supracitada acima, onde as autoras chamam a atenção que trata-se de um período autoritário de Ditadura Militar, se naquele momento as festividades da umbanda já eram descritas nos jornais, assim como a figura de Mãe Malvina, nos anos seguintes, como já vimos anteriormente, com advento dos movimentos sociais no país, Mãe Malvina e a umbanda continuam sendo noticiadas.

Na entrevista com Daniel Antunes, praticante da Umbanda Esotérica, ele nos contou de sua experiência com a religião, a princípio se definia como alguém que não acreditava em espiritualidade e religiões devido suas percepções marxistas. Por fim nos contou como entrou para religião, fato atribuído a um grupo de amigos que o fizeram começar a acreditar em espiritualidade. Seu envolvimento não começou com um terreiro específico, apesar de atualmente ter escolhido uma linha e um terreiro para seguir.

Do decorrer da entrevista Daniel vai pontuar algumas características da religião que optou por participar, apontando diferenças que ele pode observar com sua experiência espiritual e também acadêmica – pois estuda o assunto - entre as diversas linhas da Umbanda, destacando àquelas da Umbanda Exotérica. Falou do casamento, da música e a relação que seu terreiro tem com o atabaque – pois o terreiro de Umbanda Esotérica que visitamos e o terreiro do entrevistado eram os únicos que não faziam uso deste instrumento de som. Além destas questões, Daniel ainda nos fala da origem da umbanda que pratica:

Então nosso ritual... o dirigente da casa a origem dele é de uma Umbanda tradicional do Rio de Janeiro que é a Umbanda de Sete Linhas que tem muitos fundamentos parecidos com o que a gente pratica hoje que é como a gente ta levando o terreiro hoje que é, são cultuados sete orixás e desses sete orixás são manifestados as entidades dentro dessa linha dos sete orixás, então origem dele é com a Malvina que é a mais antiga médium de Santa Catarina que trouxe a Umbanda pra cá e tal, registrado né, só que ao longo do tempo e a Umbanda é assim mesmo, as coisas vão se modificando porque o terreiro e o ritual vai se adaptando de acordo com a consciência das pessoas...

Essa entrevista recorta o ano de 2010, e pode-se perceber pela fala de Daniel que a narrativa sobre Mãe Malvina é quase a mesma de E, assim como a narrativa dos intelectuais aqui citados e as narrativas de jornais. Daniel nunca conviveu com Mãe Malvina, possivelmente seu Pai de Santo possa ter tido algum contato com a mesma. Mesmo assim, vimos pela fala do entrevistado e pelas demais narrativas já apresentadas neste trabalho que as vozes se repetem.

Considerações Finais

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (Halbwachs, 2006)

A primeira consideração a ser feita refere-se às entrevistas realizadas no ano de 2010, pois foram as mesmas que nos chamaram a atenção para a problemática a que este trabalho pretendeu trabalhar. Foi através dessas narrativas que esta questão fora levantada. Como as mesmas repetiam-se, mesmo partindo de pessoas que nunca haviam convivido com Mãe Malvina algo nos chamou a atenção para a questão da construção de uma memória coletiva em torno desta Mãe de Santo. Ao longo desta questão procuramos então levantar algumas fontes que nos possibilitasse a análise desta memória.

Voltemos então a nossa primeira discussão onde falamos um pouco sobre a umbanda e sobre Mãe Malvina como um marco da religião em Florianópolis. Porém a partir da fala de sua filha Juraci, já no início do texto, vimos que outras pessoas dedicadas a religião estariam atuando mais ou menos no mesmo período em que Mãe Malvina teria trazido a umbanda para a cidade, mas segundo a fala, fora ela quem trouxe os ensinamentos. Seu terreiro era tão freqüentado e tão importante que posteriormente veremos que a rua onde o mesmo estava localizado passa a ser chamada popularmente de “Rua de Dona Malvina”, ou “Morro da Malvina”, não é de se negar sua importância para quem praticava a religião. Porém, vamos perceber que em meados da década de 1970, seu nome começa a aparecer em notícias de jornais, mais precisamente no jornal *O Estado* como a Mãe de Santo mais importante do Estado e a pioneira. E é a partir desta memória que se tem uma representação do passado de Mãe Malvina assim como uma representação do que seria a história da umbanda em Florianópolis.

Mãe Malvina era apenas uma pessoa comum, que tinha suas vivências e experiências, antes de vir a se tornar a mais importante Mãe de Santo de Florianópolis, porém a partir dos anos de 1970, aos poucos, fora se configurando como sujeito de discursos elaborados em diferentes instancias sociais, aos poucos essa imagem deslocou-se da própria Mãe Malvina, assumindo uma imagem mítica, construída social e historicamente. Essa memória coletiva sobre a Mãe de Santo se cristaliza e pode ser percebido na fala de alguns sujeitos que ela se repete muitas vezes, mas ora se desloca.

Os anos de 1970 e 1980 são emblemáticos na construção desta memória, pois é nesse momento que as notícias do jornal *O Estado* passam a construir seu discurso sobre a Mãe de Santo. Resolvemos então percorrer os anos de 1970 e 1980, décadas onde mais encontramos noticiais de jornais sobre Mãe Malvina e a umbanda na cidade. Vimos que em sua maioria, as notícias procuravam anunciar festas, sempre destacando a importância de Mãe Malvina, seu pioneirismo e sua luta pela religião.

Quando voltamos nossos olhares para a história da religião, vimos a partir de algumas análises que a umbanda tivera uma história de perseguição por parte da sociedade e consequentemente da polícia em muitos momentos desde a sua existência como religião e em diferentes contextos precisou elaborar e reelaborar diferentes estratégias de sobrevivência e aceitação social. Veremos também que nos anos de 1940 e 1950 a umbanda passa por um período de recusa social, já que a Igreja Católica apresentava discursos claramente contra esta prática, além disso, a disseminação de terreiros de umbanda nas cidades batia de frente com a ideia de progresso que se tinha. Segundo Tramonte (2001) foi entre os anos de 1940 e 1960 que caracterizou a luta pela afirmação da umbanda em Florianópolis. Mas é também nesse momento que a religião sofre muita perseguição policial. A autora também aponta que os religiosos adotarão diversas estratégias para a sobrevivência da religião, é a partir da década de 1970 que as perseguições darão uma trégua e a umbanda, suas festas e Mãe Malvina passam a ser notícia do jornal *O Estado*.

Fomos conduzidos então a pensar em algumas questões sobre o final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, período onde o Movimento Negro elabora uma crítica bastante contundente a ideia de miscigenação como base de um discurso sobre identidade nacional. Além disso, é nesse contexto que o movimento antirracista ficara mais combativo e se pensarmos nos sambas produzidos naquele período, vimos que alguns autores irão considerá-los como uma forma de luta antirracista, por tratarem de temas como mestiçagem, elementos das religiões afro-brasileiras e algumas formas de pensar o Brasil. Portanto vimos, que nesse período a umbanda começa a aparecer nos meios de comunicação não somente em Florianópolis, mas no Brasil.

Outro elemento importante que apontamos, foram as relações de Mãe Malvina com políticos como Esperidião Amim. Tramonte (2001) entende que depois do seu falecimento no ano de 1988, a umbanda passa a não ter mais tanta visibilidade nos meios de comunicação locais. Porém sabe-se que a memória coletiva sobre a Mãe de Santo não está restrita somente aos meios de comunicação dos anos de 1970 e 1980.

Mesmo que a visibilidade perante a umbanda tenha dado uma trégua nos anos posteriores ao falecimento da Mãe de Santo, é sabido que a memória coletiva sobre a mesma permaneceu na fala de nossos entrevistados no ano de 2010. Veio a virar samba enredo no ano de 2002 e aparece em trabalhos acadêmicos que se aventuram a falar sobre a umbanda na região de Florianópolis. Tal característica desta memória coletiva mostra-se em várias análises feitas ao longo deste trabalho.

As características principais acerca da memória construída sobre Mãe Malvina seria que a mesma teria sido a pioneira e mais importante Mãe de Santo da cidade de Florianópolis, e esse discurso se mostra presente em diferentes momentos históricos chegando até os dias de hoje, quando em 2010 nossos entrevistados a mencionaram em suas falas. Outra característica importante nessa memória é em relação a sua própria trajetória, sempre aparecendo sua ligação com o Rio de Janeiro e a Bahia.

Conforme colocado, estes discursos aparecem nas notícias de jornais dos anos de 1970 e 1980, posteriormente, podemos encontrá-lo no trabalho de Cristiane Tramonte e na própria polêmica em torno do samba enredo no ano de 2002. Vimos também que alguns dados e datas entram em conflito em determinado momento, e não somente dados e datas, pois a polêmica em torno do samba enredo aponta que outras histórias existiram paralelas a história de Mãe Malvina.

Por fim, cabe mais uma vez apontar que estas narrativas apresentadas não pretendem problematizar a construção desta memória, pois de certa forma foram às mesmas que deram visibilidade a umbanda em Florianópolis a partir da década de 1970, e que vieram a se materializar em seus próprios discursos ao longo do tempo. Onde hoje, vimos que esta memória coletiva foi compartilhada e cristalizada em diferentes instancias sociais. Terminei então afirmando, segundo Halbwachs (2006), que essa corrente de pensamento contínuo, que é a memória coletiva, e que nada tem de artificial, retém do passado senão o que ainda está vivo.

Fontes

Jornais:

O Estado, Mãe Malvina morre e deixa a Umbanda de luto, Florianópolis (SC), 22 de junho de 1988, capa.

O Estado, Morre Mãe Malvina e termina luta de 43 anos pela umbanda, Florianópolis (SC), 22 de junho de 1988, p. 9.

O Estado, Mãe Malvina, 50 anos dedicados aos trabalhos de um centro espírita, Florianópolis (SC), 08 de outubro de 1987, p. 4.

O Estado, Terreiros em festa: é hoje o “Dia de Ogun”, Florianópolis (SC), 23 de abril de 1982, p. 30.

O Estado, Em Canasvieiras, amanhã, a Festa de Iemanjá, Florianópolis (SC), 30 de dezembro de 1978, p. 16.

A Notícia, Reunião de Umbandistas, Florianópolis (SC), 26 de setembro de 1981, p. 5.

Entrevistas:

ANTUNES, Daniel. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 21 de setembro de 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.

E. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 09 de agosto de 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.

LUZ, Kátia Regina. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 18 de agosto de 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.

MATIAS. P. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.

PEREIRA, Juraci Malvina. Entrevista concedida à Cristiana Tramonte. Disponível em: TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!:** Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001.

RITA, Osmar Vidal. Disponível em: TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!**: Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001.

Sites:

Documento audiovisual:

ALENCAR, Alexandre. MORESCHI, Bruno. OLIVEIRA, Maycon. XAVIER, Renan. Vieira, Willian. **Ilha dos Orixás**. Trabalho final produzido na disciplina de Grande Reportagem durante a 5ª fase do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Exibido em: 05 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sj-zinwGrc>

Sites:

JÚNIOR, Walter Pacheco. Mãe Ida. *AN Capital*. Florianópolis (SC), Florianópolis, 19 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www1.an.com.br/ancapital/2002/jan/19/1fal.htm> >Acessado em: 22/11/2013.

DUDA E BEIRÃO. Mãe Malvina. *AN Capital*. Florianópolis (SC), Florianópolis, 19 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www1.an.com.br/ancapital/2002/jan/19/1fal.htm> >Acessado em: 22/11/2013.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Camilo Buss. **A sociedade sem exclusão do Padre Vilson Groh: A construção dos movimentos sociais na comunidade do MontSerrat**. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

BAKKE, Rachel Rua Baptista. **Tem Orixá no Samba: Clara Nunes e a presença do candomblé a da umbanda na música popular brasileira**. Scielo – Religião e Sociedade – artigo. Rio de Janeiro, 2007.

BIANCHEZZI, Clarice e TRAMONTE, Cristiana. **Mulheres Líderes Umbandistas e Católicas no Brasil Autoritário: Religião, carisma e poder** In: Anais dos Simpósios da ABHR, 2012.

BRÜGGER, S. M. J. **O Brasil na Obra de Clara Nunes**. In: VI Congresso Latino Americano de IASPM- AL, 2006, Buenos Aires. Anais do VI Congresso Latino Americano de IASPM- AL. Buenos Aires: IASPM, 2006.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Sob o olhar da razão: As religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil (1900-2000)**. Dissertação de Mestrado pela Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. O Brasil, de Noel a Gabriel. In: VALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José (Org). **Decantando a República. Inventário**

Histórico e Político da Canção Popular Moderna Brasileira. 2: Retrato em branco e preto da nação brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

DUVIGNAUD, Jean. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Prefácio.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

ISAIA, Artur Cesar. **Huxley Sobe o Morro e Desce ao Inferno: A Umbanda no Discurso Católico dos Anos 50.** Revista Imaginário – São Paulo, 1998. pg 5.

ISAIA, Artur Cesar. **Umbanda, Intelectuais e Nacionalismo no Brasil.** Revista de História e Estudos Culturais. Vol.9, ano IX, nº3, 2012.

JUNIOR, Adolfo de Mendonça. **O ESPIRITISMO E ALGUMAS RELIGIÕES MEDIÚNICAS: CANDOMBLÉ E UMBANDA.** X Encontro Nacional de História Oral; Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 26 a 30 de abril de 2010.

LUCA, Tania Regina. História nos, dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** Editora Contexto. São Paulo, 2008.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de história oral. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PINHEIRO, André de Oliveira. Revista Espiritual de Umbanda. IN: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (Org.). **Espiritismo e Religiões Afro-brasileiras.** São Paulo - Editora UNESP, 2011.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

REIS, João José. Bahia de todas as Áfricas. **Revista de História.** [Biblioteca Nacional], Rio de Janeiro, ano 1, n.6, dez. 2005.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena:** experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da Vida Privada 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Mozart Linhares. **Miscigenação e Biopolítica no Brasil**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. Vol. 4 n°8, dezembro de 2012.

SILVA, Rafael Pereira. **A AUTONOMIA APARENTE**: Formação, trajetória e relações políticas de um Centro de Educação Popular em Criciúma (CEDIP) 1983-1998). Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!**: Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001.

WEBER, Thiago Linhares. **Mudanças No Ritual Almas e Angola**: Os novos paradigmas de Giovani Martins In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.